

# AUTORES & LIVROS

31/5/1942  
Ano 11

SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"  
publicado semanalmente, sob a direção de Mucio  
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. 11  
Número 17

## Notícia sobre José Verissimo

José Verissimo Dias de Mattos nasceu na colônia militar de Oricós, no Pará, no dia 8 de abril de 1857. Era filho do sr. José Verissimo de Mattos, médico daquela colônia. Na pia baptismal não recebeu ele o nome que se tornou famoso, e que veio a legar ao seu pai, como um dos mais altos títulos de glória de nossa civilização espiritual. Grande admirador de José Clemente, o estadista da Independência, foi esse o nome que o sr. José Verissimo de Mattos deu ao seu filho. Mais tarde o pai reivindicou para si o nome paterno.

José Verissimo passou a infância em sua cidade natal. Quando teve de começar os estudos primários, passou a residir em Manaus, e depois os prosseguiu em Belém. Aos doze anos veio para o Rio, sózinho, para estudar preparatórios e em seguida, na Escola Politécnica, apenas durante um ano e logo regressou, por motivo de saúde, ao Pará.

Em 1877 iniciou a carreira jornalística, no "Liberal do Pará", passando depois a trabalhar no "Diário do Gran Pará". Em 1879, fundou a "Gazeta do Norte", onde deu à publicidade

alguns dos seus melhores trabalhos da mocidade. Dez anos depois reuniu alguns desses estudos num volume que recebeu o título de "Estudos Brasileiros".

Em 1880, encontrando-se em viagem na Europa, tomou parte, em Lisboa, no Congresso Literário Internacional. Teve oportunidade ali de defender o Brasil e os literatos brasileiros de acusações injustas que lhes eram feitas. Redigiu e publicou em tal ocasião uma memória sobre o movimento literário do Brasil. Nessa ocasião o governo português lhe conferiu a comenda da Ordem de Cristo.

Em 1889 regressou à Europa, indo tomar parte no décimo Congresso de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica, reunido em Paris por ocasião da Exposição Internacional. Apresentou ali uma comunicação sobre o Homem de Marajó e a antiga civilização amazônica.

No ano seguinte foi nomeado diretor da Instrução Pública do Pará, lugar em que ficou durante aquele ano e o de 1891. Nesse último ano mudou-se para o Rio de Janeiro. Em 1892 foi nomeado diretor do Externato do Ginásio Nacional, hoje Colégio

Pedro II, ficando ali durante cinco anos.

E' de 1895 a fundação da "Revista Brasileira", que José Verissimo dirigiu em sua terceira fase, que sem dúvida foi a mais brilhante do célebre magazine. Na redação da "Revista Brasileira" congregavam-se os grandes valores brasileiros da época, e de lá é que saiu a Academia Brasileira, prestigiada pelos mais eminentes amigos de José Verissimo, amigos que se chamavam Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Visconde de Taunay, Lucio de Mendonça, etc.

Sendo um dos fundadores da Academia, ele criou ali a cadeira n.º 17, cujo patrono é João Francisco Lisboa. José Verissimo deixou numerosa e valiosíssima obra literária, destacando-se entre os seus livros os vários estudos sociológicos e econômicos sobre a Amazônia, os "Estudos de Literatura Brasileira" em seis volumes, os "Homens e Coisas estrangeiras", em 5 volumes.

Deixou ele o renome sólido de um dos maiores críticos nacionais, e sua autoridade nesse gênero de cultura só tem rival na autoridade de um Sylvio Romero e na de um Araripe Junior.



JOSE VERISSIMO

## BIBLIOGRAFIA DE JOSÉ VERISSIMO

A seguinte a bibliografia de José Verissimo:

— *Quadros paraenses*. Belém, 1877.

— *Primeiras páginas*. (Viagens ao sertão) — *Quadros paraenses* — Estudos. Tip. Gutenberg. Belém, 1878.

— *Enfilho Littré* — folheto. 1881.

— *Contos da Vida Amazônica*. Contos. Primeira edição de Lisboa. Segunda edição de Laemmert e Cia. Rio, 1899.

— *Carlos Gomes* — folheto. 1882.

— *Estudos brasileiros*. (1877-1881). Soares Cardoso e Cia. Para, 1889.

— *Educação nacional*, primeira edição de Belém, 1890; segunda edição da Livraria Francisco Alves, Rio, 1906.

— *A instrução pública no Estado do Pará*. (publicação oficial). Pará, 1891.

— *A Amazônia*. Aspectos Econômicos. Tip. do Jornal do Brasil, Rio, 1892.

— *Estudos Brasileiros*. (2.ª série, 1889-1893). Laemmert e Cia. Rio.

— *A pesca na Amazônia*. Livraria clássica de Alves e Cia. Rio, 1895.

— *D. S. Ferreira Pena*. (Domínios Soares. Notícia sobre a vida e obras). 24 páginas. Para, 1895.

— *Ginásio Nacional*. Discurso pronunciado na solenidade de distribuição dos prêmios e colação de grau aos bacharéis em letras, a 6 de Janeiro de 1896. Rio, 1896.

— *Pará e Amazonas*. — *Questão de limites*. Cia. Tipográfica do Brasil, Rio, 1899.

— *O Século XIX*. Tip. da Gazeta de Notícias, Rio, 1899.

— *A instrução pública e a imprensa*. Memória escrita para o Livro do Centenário. Imprensa Nacional, Rio, 1900.

— *Estudos de literatura brasileira*. 6 volumes. H. Garnier.

Anos de 1901, 1904, 1905 e 1907.

— *Homens e Coisas estrangeiras* — 3 volumes. H. Garnier. 1902, 1905 e 1910.

— *Que é literatura? e outros escritos* — H. Garnier. Rio, 1907.

— *Interesses da Amazônia*. Tip. do Jornal do Comércio. Rio, 1915.

— *História de Literatura Brasileira*. Livraria Francisco Alves, Rio, 1916.

— *História geral da Civilização*. Livraria Francisco Alves, Rio, 1916.

— *Letras e Literatos*. (Estudos críticos da nossa literatura do dia.) 1912-1914. Livraria José Olimpio Editora. Rio, 1930.

São esses os volumes que de José Verissimo existem publicados. Sua atividade literária e jornalística, entretanto, multiplicou-se de maneira surpreendente, de forma que com a sua colaboração, hoje perdida nos jornais e nas revistas em que ele trabalhou, seria fácil formar um número considerável de novos livros. Encontram-se artigos e estudos seus nas seguintes publicações: Do Pará: "Liberal do Pará", "Aurora Paraense", "Gazeta do Norte" (organização fundado por ele) "Diário do Grão Pará", "Provincia do Pará", "Comércio do Pará", "Gazeta de Notícias", de Belém, "República", "Revista Amazônica" (igualmente fundada por ele); do Rio: "Jornal do Brasil", "Jornal do Comércio", "A Imprensa" (de que ele foi secretário), "O Debate" (onde usou o pseudônimo de Candido), "A Notícia" (onde escrevia com a assinatura V.), "A Gazeta de Notícias", "O Correo da Manhã", "O Imparcial", "O Kosmos", "a Revista da Academia", "a Revista Americana".

Em janeiro de 1895, fundou a "Revista Brasileira", que apa-

bro de 1899, publicação que foi, por assim dizer, o núcleo de onde saiu a Academia Brasileira de Letras, e que, pela contribuição nova que trouxe, é um dos elementos essenciais para o estudo da evolução das ideias na literatura brasileira, no século passado.

Sobre José Verissimo tem um livro publicado o sr. Francisco Prisco. — *José Verissimo, sua vida e suas obras*. Bedeachi, Rio, 1937, tendo-lhe dedicado estudos de conjunto dignos de atenção, Alberto Faria, no discurso em que o estudou na Academia (*Discursos académicos*, v. 4) e Arthur Motta (*Revista da Academia*, n.º 97, de Janeiro, 1930). Ha trabalhos de critica e polémica contra ele assinados por Laudelino Freire, Sylvio Romero e outros autores.

### EUTRAPÉLIA

**José Verissimo**

Todas as vezes que tenho de dizer de um novo poeta — e, ai de mim! são tantos os novos poetas! — lembra-me aquela deliciosa confissão do meu amado Renan. Das raras menções que pregou, umas foram meros subterfúgios literários. Be um joven poeta lhe mandava os seus versos, invariavelmente achava-os admiráveis. Se lhos não achasse, o mesmo era que declará-los péssimos, e affigir cruelmente a quem lhe quisera ser amavel. Esta caridosa velhacaria, extensão da "mentira piedosa" permitida pelos casuistas, está revendo o padre que ficou sempre em Renan, e, ao mesmo tempo, o seu profundo menosprezo de céptico das cousas contingentes, como versos.

Por que não hei de imitá-lo? (*Letras e Literatos* 197).

## SUMÁRIO

- PÁGINA 263:
- Notícia sobre José Verissimo.
  - Bibliografia de José Verissimo.
  - *Eutrapélia*, de José Verissimo.
  - Sumário.
- PÁGINA 264:
- *Um dia de Natal*, de José Verissimo.
  - José Verissimo na apreciação de Ronald de Carvalho.
  - *Conceito de poesia*, de José Verissimo.
  - *As origens*, de José Verissimo.
- PÁGINA 265:
- *Hercules sociologica*, de José Verissimo.
  - *O Adus da Academia a José Verissimo*, de Filinto de Almeida.
- PÁGINAS 266 E 267:
- Algumas cartas da correspondência de José Verissimo com Machado de Assis.
- PÁGINA 268:
- *O Sr. José Verissimo*, de Tristão da Cunha.
  - *Talento à força*, (*Maus costumes literários*), de José Verissimo.
  - *Uma grande época da história brasileira*, de José Verissimo.
- PÁGINA 269:
- Correspondência de escritores. Carta de José Verissimo a Graça Aranha (*Incisimile*).
  - *O Brasil e a poesia*, de José Verissimo.
- PÁGINAS 270, 271 E 272:
- *O crime do Tapuá*, novela de José Verissimo. Com desenho de Mariz Filho.
  - Correspondência de escritor.
- PÁGINA 273:
- Correspondência de escritor.
- PÁGINA 274:
- *O Intermezzo*, de Iremé. Ns. 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40. Traduções de Gonçalves Crespo, Luiz Rosa, Rodrigo Octavio, João Ribeiro, Raimundo Corrêa, Lucio de Mendonça, Taveira Junior, Fontoura Xavier e Silva Ramos.
- PÁGINA 275:
- *A mão do Alcegaço*, de Alphonsus de Guimarães Filho.
  - *A vida é de cabeça baixa*, de Alvaro Moreyra.
  - Uma opinião sobre *Autores e Livros*.
- PÁGINA 276:
- *Fu vi*, poema de Murilo Mendes. Com desenho de Oswaldo Goeldi.
  - *Notícia de um país entre nuvens*, de Ribeiro Couto (da Academia Brasileira de Letras).
- PÁGINA 277:
- *Política de João Ribeiro*, de Mucio Leão.
  - *Os rosos imoveis*, poema de Carlos Drummond de Andrade.
- PÁGINA 278:
- *Na biblioteca do Tempo*, de D. Milano.
  - *A grande poesia inglesa da guerra*, traduções do inglês de Alagar Renault.
  - Elicmrides da Academia.

# UM DIA DE NATAL - José Veríssimo

## José Veríssimo, na apreciação de Ronald de Carvalho

José Veríssimo tem uma qualidade fundamental, que resalta de qualquer estudo seu, que está em todos os seus conceitos e em toda a sua produção: a honestidade escrupulosa. Sua inteligência não tem requintes, seu estilo não tem apulência, mas não há um só comentário seu que não seja sincero, franco e aberto. Ao contrário de Silyo, José Veríssimo viu apenas a obra e nunca o homem, exaltava ou condenava o escritor, sem se importar com a sua categoria social ou mesmo literária. O autor para ele, era uma figura secundária, sem interesse imediato, a não ser quando havia na vida um outro pormenor que pudesse explicar com mais segurança certas particularidades da obra.

Discipulo dos franceses por Sainte-Beuve e Brunetière, e dos ingleses por Macaulay, Veríssimo foi o que se pode chamar um crítico objectivo. Verdado em muitas literaturas, erudito mesmo, falava-lhe, para ser um grande escritor, um gosto mais discreto das boas cousas, e, também espirito, ou melhor, finura de compreensão e da sensibilidade. Sua "História da Literatura Brasileira", que é uma síntese não ditamos perfeita, mas honesta da nossa evolução literária, mostra o defeito primordial do seu processo, que era o de procurar o indivíduo em detrimento do meio, a obra pessoal com prejuizo da obra coletiva. Veríssimo, que possuía uma observação ágil muito apreciada dos valores isolados, não tinha, entretanto, uma larga intuição dos problemas universais, contentava-se com apontá-los de passagem, não entrava por eles, rodeava-os prudentemente, sem sequer arriscar-se a um comentário mais penetrante. As grandes correntes do pensamento do XIX século, que influíram tanto na nossa mentalidade, como o romantismo e o naturalismo, para não mencionar outras a que ele apenas alude, ou nem mesmo se refere, não lhe mereceram uma atenção mais demorada. Ele se satisfazia com os resultados imediatos, com a soma dos efeitos mais visíveis e aparentes, e passava adiante, sem maiores indagações.

Definindo o naturalismo, por exemplo, escreve o seguinte: "É que como o romantismo, o naturalismo foi sobretudo uma tendência peral. Como aquele fora uma reacção contra o classicismo, foi o naturalismo um levante contra o romantismo. Caracteriza-o e distingue-o a sua inspiração diversa do romantismo, mormente a sua inspiração muito menos espiritualista que a deste, consequentemente dele. Recusa-se este seu íntimo sentimento e propósito no sacrificio em diminuição da personalidade do autor, exuberante no romantismo; nunca observação mais rigorosa e até presumidamente impregnada em métodos científicos numa representação mais fiel do observado, reduzindo ao mínimo a idealização romanesca; no desprezo dos conceitos apela à sensibilidade do leitor, pelo abuso do sentimentalismo; a realidade não só do romance, mas de todas as gêneros literários, não espírito crítico, que era principalmente o do tempo; e é, em suma, causas remotas, as determinantes essenciais, as bases fundamentais do movimento naturalista, nem são delineadas, nem se mostram num rápido esboço impressionante ao conhecimento daqueles valores secundários com que ele tenta explicar o caráter do genero literário em questão. Falta-lhe uma certa mobilidade de inteligência, e aquela força de coacção interior necessária ao critico de idéas puras, ao experimntador dos fenômenos psicológicos dos quais decorrem todos esses fenômenos artísticos, científicos e literários. Veríssimo não auscultava as raizes íntimas da obra, tomava-a como um ponto de referência entre muitos outros, e, mantendo-a inteiramente, julgava-a por si mesma. A honestidade dos seus conceitos marcou-lhe, entretanto, um lugar simpático em nossos leitores, que ele amou e serviu com independência, critério e boa vontade."

(Pequena História da Literatura Brasileira, pag. 329).

## Conceito de poesia - José Veríssimo AS ORIGENS - José Veríssimo

Como não procuro na poesia esquisitez de idéias ou de formas, senão a expressão que eu próprio não sei achar, dos sentimentos de toda alma humana, em lingua de que cada palavra, cada frase já venha enfiada pela mesma emoção que através das lídres as gerou, como para mim a poesia não é um problema de estética, nem uma questão de moda, é esta poesia, a cuja velha e deliciosa melodia me acostumei, a que deversas me toca. Não nego aos poetas a faculdade de se impressionarem pelas cousas de outra maneira mais consonante com a sua índole e temperamento, nem de exprimir em sua sensação com fórmulas diversas das que desde Homero fazem universalmente o fundo da poesia. Esforço-me por compreendê-los e senti-los. Empeño-me em me deixar seduzir pelo encanto das suas cantigas. Conheço que alguns há que ou pela força da sua inspiração ou com arte suprema sabem renovar em nós a fonte da emoção poética que outros, em maioria infelizmente, iam fazendo estancar com os preconceitos e pinguélas das suas retóricas. Esses são os grandes, os verdadeiros poetas, sempre e em toda a parte raríssimos, os que comprovam a verdade de que a única medida da obra darte é o talento. Que estes criadores de novos valores estéticos tenham discípulos que sem os emparelharem concorrem com eles para legitimá-los a renovação não conteste, e ainda entre os nossos os há estimáveis, cuja influência neste caso beneficia se começa a fazer sentir no nosso pensamento e expressão poética, cada vez mais libertos da superstição parnasiana.

(Letras e Literatos, 194).

rador e o tiro difficilissimo; errava, e o jacaré se iria embora, que outro o matasse.

Mas não houve convencê-lo e livrar-me da prova, em que se fazia arriscava o prestigio da civilização, cujo era eu all o único representante.

Aleimaram, já com malicia, prebitando o gosto de se rirem do "moço da cidade" e de afirmarem a sua superioridade de matutos.

E quase puzado me levaram para alguns metros dali, à beira da mesma ribanceira, donde vinte dedos acompanhando o da bela mameluca, que, interessadissima na morte do anfibio, continuava a n'r com o seu afilado riso escarninhado, apontavam em baixo nas águas escuras do rio, quase encostado à margem, a enorme cabeça de um jacaré.

O ruído feito em cima flizera o mergulhar um pouco mais, e agora só se lhe divisavam a ponta do focinho e, à distância de mais de um palmo, as metades de duas esferas negras, que eram os seus olhos, esbugalhados.

Senti passar em mim o suor divino que nos momentos supremos faz os heróis e os mártires.

Levei a espingarda à cara e, quase sem apontar, tanta era a consciência de que apontar me não adiantaria, como que hypnotizado por aqueles grandes olhos parados, que pareciam olhar-me assombrados do meu arrojo, atirei.

Ouvi dois ruídos, um marulho surdo de água, em baixo, e umas gritadas interjeições de espanto e aplauso a meu lado.

Entre essas distingi bem junto do meu ouvido a exclamação: — E' macho... seguida de uma gargalhada argentina, franca e simpática da linda mameluca, que a soltara.

Voltei a mim e verifiquei então, que tinha matado o jacaré.

Ferido num dos olhos o grande anfibio, num estremeção violento, causador daquele ruído, virava de papo para o ar e apresentava à superficie das águas, ainda revolvidas e barrentas do seu movimento brusco e forte, o largo peito amarelado, de grandes e corneas escamas, rijas, a modo de placas de uma couraça antiga.

A morte fora instantânea.

Os matutos pasmados e corridos diziam-me em palavras amigas e convencidas a sua admiração.

Nunca mais atirei outro jacaré.

Tambem jamais senti tão forte em mim o gosto do successo, quase direi, a deliciosa comoção da glória.

E, ainda me lembra, às vezes o sorriso afetuoso, com que me olhava a linda mãe: uca depois da minha facanha.



José Veríssimo

eles a mim atraídos pelas comunhão dos mesmos gostos, que naturalmente me supuseram, e pela curiosidade da arma que se lhes antolhavam diferente das suas.

A espingarda interessou-os. Nenhum deles tinha ainda visto igual e as explicações que condescendente lhes dei do seu funcionamento e eficácia, do mesmo passo que os maravilhou a conquistava-me a sua benevolência.

Se eles soubessem como ruim atrador eu era! E tanta consciência tinha disto que, prevenido a necessidade de dar-lhes uma prova de mim como caçador, pois o prefeito da minha ida all era a caça, antecipei-me em assegurar-lhes, sem fingida modestia, que apesar da minha excelente arma eu atirava muito mal. Senti que a confissão lhes não era desagradavel. A minha inferioridade de "cidadão" escondia a sua validade de matuto.

Estávamos nesta palestra, sentados uns em bancos toscos, ou em tronco de arvores, outros acoorçados, os mais em pé, à sombra de uma copada árvore erguida à beira da ribanceira, sobre o riacho quando uma rapariga — uma linda moça de uns dezessete anos, mameluca trigueira e rosada, de fisionomia risonha e aberta, chegou a nos entre avorçada e tímida e interpellou-me diretamente, chamou-me: — Moço! venha matar um jacaré!... Matar um jacaré! Correu-me um frio pela espinha. Não que eu fosse de minha natureza vaidoso, ou tivesse em grau algum a presunção de atirador.

Mas os nossos defeitos, como as nossas qualidades, dependem de uma influencia estranha, são muitas vezes os outros que nós los impõem.

Tive um vago e indefinível sentimento de que all era eu um representante da civilização, que aqueles matutos me noscebavam, e que tertiam grande gáudio em ver desmoralizada em mim. Não bastava inventar armas como aquela da qual eu acabava de contar maravilhas, era preciso, era o principal, saber maneja-las.

Qualquer daqueles broncos sertanejos, com o arco e flecha dos seus avós selvagens, com a sua grosseira arma antiquada de carregar pela boca, a sua bruta lazarina, o seu ridiculo peia-pau, ou o seu velho e anaerótico fuzil de pedrneira, era muito mais capaz do que eu, com a minha intelligência, a minha instrução, e a minha espingarda aperfeiçoada, de matar um jacaré.

Porque matar semelhante bicho é um dos tiros mais difficéis e mais reputaços.

Ele só é vulneravel nos ouvidos quase invisíveis, mesmo a pequena distância, ou nos olhos que, quando nua, apenas emergem como duas meias esferas de poucos milímetros de diametro fora dela.

Realmente para experimentar um sujeito da cidade, todo de paletó e gravata, chapéu inglês de cortiça e linho na cabeça, à guisa de capacete, coisa jamais all vista e escandalosa, e uma bela espingarda nova de retrocarga, não se podia achar melhor do que pô-lo na obrigação de matar um jacaré, sabe Deus em que condições.

Moço, venha, venha matar o bicho... repetiu a linda rapariga arrequeando num sorriso irônico. — Tal me pareceu ao menos — os lábios sensuais e mostrando duas admiráveis fileiras de dentes brancos e úmidos.

E todos à uma, a começar pelo dono da casa, convidavam-me, concitavam-me, pediam-me, como maldosa insistência fosse matar o jacaré.

Confuso, enlaidado, canhestro, eu me esquivava; era mau al-

Era muito mais das 12 horas quando alcançamos o sítio do Cuileua, primeira parada em nossa excursão sertaneja. O caminho, que desde a margem do grande rio all nos levava, era um comprido riacho, estreito e profundo, ensembrado na sua maxima extensão por dois renques marginaes, de busto arvoredo. O sol lhe chegava escassamente a trechos; e a constante sombra do seu percurso refrescada pela viração, que a ramaria das arvores alentava e mantinha, tornava a viagem menos penosa, muito mais agradável até do que se imaginaria naquelas paragens equatoriais. E, de mais, pitoresca pelos risinhos quadros formados ali por aquela mistura de luz e sombra. Nem o mundo animal, mais escasso do que geralmente se pensa nessa região, faltava. Naquela sua pitoresco trecho.

Inconscientemente, tão inconscientemente, como poderia respirar os miasmas maldosos que daquelas terras apuldasas se exalavam, ou recebia do ambiente tristonho uma inexprimível sensação de desalento, melancolia e saudade. Saudade de quê? Não o saberia dizer, nem haveria de quê. Aquela excursão era uma simples digressão de recreio, um passeio desacompanhado de qualquer preocupação anterior, e a que não parecia qualquer preocupação ulterior devesse seguir. Quando depois procurei analisar o meu estado d'alma, achei que unicamente resultava da influencia indefinida das coisas. A natureza é de si triste e contrariadora. A vista do "sítio" tirou-me deste estado. Não que nele houvesse sequer a brancura de uma parede, alegrando os tons escuros da paisagem.

Era uma casa toda de palha escurada pela intempéries.

Mas no topo da ribanceira a que estava sobreposta havia uma multidão animada: homens, mulheres, crianças.

Suas roupas variegadas, na maior parte claras e vistosas, roupas de festa, que era o Natal, e o seu movimento e borborinho bastavam para alegrar a vista, variando-a.

Saltei em terra e subi com os meus companheiros, all novatos mas não estrangeiros, o ligeiro declive que levava a esplorada onde ficava a casa, melhor diria a choupana, em cujo terreo se aglomerava aquela gente. Não foi propriamente cordial o benevolo, antes reservado senão antipático o seu acolhimento. O matuto, instinctivamente não gosta do homem da cidade, desconfia dele, desama-o. Tem-no por seu inimigo natural; é de repulção, ou de indiferença pouco simpática a primeira impressão dele.

O dono do "sítio", que me esperava, e os seus, que já me conheciam, saindo a receber-me, com demonstrações muito comedidas ainda de satisfação, consultaram-me do desagradado que vi, ou parecê-me ver, mas fisionomias curiosas, indiferentes, ou displicentes que me encaravam. Ali se não usam apresentações, as suprem os recebimentos dos donos da casa, e com pouco me achei conhecido dos presentes, embora essas primeiras relações tivessem ainda um caráter de desconfinça e reserva. Ia-me esquecendo dizer que eu desembarcara com a minha espingarda na mão, um fuzil de retrocarga, arma moderna e nova em folha.

Os caçadores, que forçosamente por ali haveria, imaginaram em mim um companheiro, um êmulo.

Mas como secolá a caça é mais um divertimento que uma industria, e não cria ainda rivalidades interesseiras, e outras competências que as da pericia e habilidade, vieram

# Heresia sociológica - José Verissimo

É uma trivialidade que o mundo vive de frases feitas, de chapas, como se diz em estilo forcaiteiro-literário.

É a nossa inveterada, e já antiga, parece, invencível, preguiça intelectual ou antes indolência para reagir contra a personalidade verdade aceita por todos, mas leva a aceitar, como dogmas, apesar d' nos vangloriamos dos progressos do espírito crítico e do livre exame, certas noções ester-eotipadas em frases que acabam por ter todas as virtudes de anexins, esses parágrafos da sabedoria das nações, e todas as aparências de uma verdade inconcussa. E, no entanto, quantas frases, em que uma sabedoria superficial e precipitada cristaliza ensinamentos, noções criteriosas, ditadas à força de serem repetidas acabaram por ser tidas por incontesteis resistências a uma análise profunda, a um exame minucioso e acurado dos seus títulos à veracidade? Uma dessas é justamente a que por influência dos positivistas, escrevemos na nossa bandeira: Ordem e Progresso "e que não é senão a síntese da asserção de Augusto Comte: A ordem é fator do progresso; o progresso é o desenvolvimento da ordem". Note o autor psicólogo que o que contribui para dar a esta frase, e a todas as suas semelhantes, a autoridade que tem, é mesmo a verdade nelas contida, que a seu tom peremptório, afirmativo, dogmático, que tão facilmente impressiona a maioria dos espíritos, que não é de críticos, e mais que tudo, talvez, o seu ritmo propulsivo para acreditar e embalar a nossa inteligência, que surge naturalmente ao esforço de analisar.

Todas estas frases feitas, todas estas grandes chapas de moral ou de filo-sofia doméstica, política, social, histórica, ou científica, são muscões e moléculas como um belo verso. Muitas delas, talvez a maior parte, ao contrário da crença comum que as julga sólidas, são invenções de poeta, que as impuseram apenas pela exação do seu pensamento que pela beleza ritmada da sua forma. Como, sob esta forma eram fáceis de decorar e de repetir, a humanidade, que não examina nem discute as razões e as foi repetidas, transformando uma opinião em uma verdade indelével, porque a verdade não é senão uma opinião repetida. Nesta repetição de séculos a frase talvez primitivamente menos bem feita e até rude, foi como o calcanhar que os torrentes arrastam, arredondam e pulam, ganhando em precisão, em concisão, em harmonia, virtudes sobre-excelentes para se fazerem coisas aceitas.

Aqui no Brasil, quando os nossos timoratos monarquistas-obstaculistas, e os nossos não menos tímidos republicanos - democratas, entendiam engravar, e nunca o fizeram senão a medo a vitória de um grupo de sectários sobre o sentimento nacional, vitória expressa no lma por eles imposita à nossa bandeira, não lhes acaute outro argumento que dizerem que "Ordem e Progresso" é uma banalidade, que todos os pensadores políticos já a entenderam, que é a mesma base e razão de ser de toda a sociedade e do Estado, e, portanto, não podia servir de divisa a uma nação, singularmente. Esqueceram eles que essa nação é apenas a "anima vilis" em que, desde entre todos os países do mundo o positivismo ortodoxo pretende tentar as experiências sociológicas recomendadas pelo seu fundador, o qual preconizou esse mote para lema de toda a sociedade humana, quando chegasse o tempo, que eles

com a mais estúpida e ingênua ca di ez acreditam chegará, da catolicidade positivista.

Mas não é verdade, ou pelo menos não é tão verdade, como o supõe a trivialidade tal lema, que a ordem seja condição de progresso, nem que o progresso seja o desenvolvimento da ordem. A história está aí para provar, aos que tem olhos para ver e ouvidos para ouvir. Dispensa-se até inteligência para compreender.

Abro-a ao acaso e depara-me esta viva página de Michelet, talvez o historiador moderno que mais fundo e claro viu na confusão do desenvolvimento histórico da humanidade e certamente o que teve mais nitida e segura a visão do passado, às vezes mais difícil, como conceitua um seu emulo português, do que a do futuro. Vem ele recortando, naquele seu estilo de grande poeta, isto é, de grande vidente, como o decimo sexto século, se não vimos senão a série de guerras e de acontecimentos políticos, é um século de sangue e de ruínas. "Abre-se pela devastação da Itália pelas tropas mercenárias de Francisco I e de Carlos V, com as medonhas associações de Solimão que anualmente despojava a Hungria. Vem depois as lutas terríveis das crenças religiosas, em que a guerra não é só de povo a povo, mas de cidade a cidade, do homem a homem, em que vai até o lar doméstico, e até entre o pai e o filho. O que deixasse a história nesta crise, acreditaria que a Europa vai cair numa profunda barbaria. Longe disso, a flor delicada das artes e da civilização cresce e fortifica-se no meio dos violentos choques que parecem prestes a destruí-la. Miguel Angelo pinta a Capela Sixtina no mesmo ano da batalha de Ravenna. O jovem Tartaglia vai mutilado do saque de Brescia para ser o restaurador das matemáticas. A grande época do diletantismo entre os modernos, o tempo de l'Hôpital e de Gujas, é o são Barholomeu". (Oeuvres", II, 42, Bruxelles, 1840).

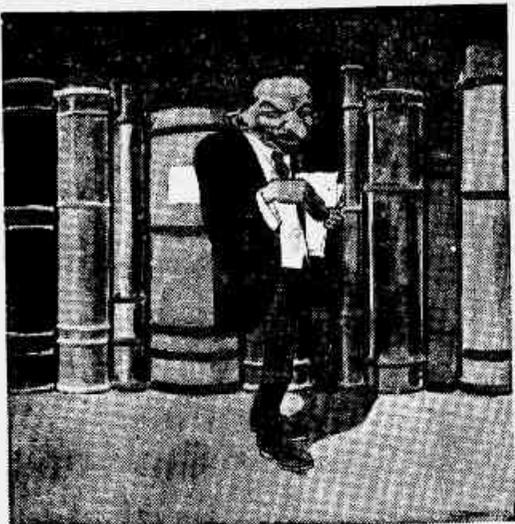
E toda a Idade Média não seria de ilustração mais convincente de que o progresso não é, pelo menos tanto quanto se diz, incompatível com o desordem? Esses dez séculos são, em toda a história, desde ao menos a da Grécia e de Roma, que são para nós a história clássica os de maior e mais completa e universal desordem. A Invasão dos Bárbaros, destruindo o Império Romano e o resto de disciplina, de administração de autoridade, de ordem política e social, em suma, que ainda não havia revolveu, baralhou, confundiu tudo, raças, povos, regiões, leis, sentimentos, costumes, línguas. Misturou e perturbou tudo o que no homem e na sociedade de então havia de mais íntimo e essencial como o que nels havia de mais extenso e superficial. Podia-se dizer que os vitoriosos e reiros de dentro para fora.

Os historiadores e filósofos que não viram senão esta enorme desordem, ou que se deixavam assombrar por ela a ponto de não divisarem o gigantesco trabalho de reorganização que sob ela se fazia, chamaram a esta época, uma das mais fecundas da história, de era de trevas, e malinaram-na de improficiência. Uma cruzção mais aluminda (e não se deve esquecer a parte, considerável, do fundador do positivismo nesta mais justa concepção da Idade Média) mostrou que esse período não foi inútil, ou sequer mesquinho, para o progresso humano. Se, sob certos aspectos, como diz Littré, foi uma época de infância, por outros era viril e superior à idade

de antecedente. Ela deu, como enumera o mesmo escritor, na ordem social e política o catolicismo superior ao paganismo, a distinção do poder espiritual do temporal, a servidão melhor do que a escravidão e os costumes cavalheirescos; na ordem científica, a grande criação da alquimia, com todas as suas consequências; a numeração decimal; na ordem escolar, a longa e memorável controversa do realismo e do nominalismo; na ordem literária e artística, uma poesia nova, uma nova arquitetura, uma nova música; na ordem industrial, as invenções, importantes, da bússola, do papel de trapos, da água ardente, e acidos poderosos, a pólvora, a imprensa, e na ordem política, a emancipação dos servos, o rudimentos do governo representativo os estados-gerais e a separação crescente do elemento leigo e do eclesástico e mais os chismas, as heresias, a reforma, fatores da libertação do pensamento humano ("Études sur les barbares et le moyen age". XXVII, Paris, 1874). E, mais ainda, preparou e comçou a formação das nações e sociedades modernas, das suas novas línguas e instituições, e na ordem e piritual produziu Tomaz de Aquino, Abelard, Rogério Bacon, Dante, Machiavio. Que maior progresso saiu jamais de uma época de tranquilidade e de ordem? É a Renascença que é senão o produto direto da época mais agitada da agitada história italiana, os séculos XIV e XV, quando a Itália dividida e subdividida em uma grande quantidade de Estados, dos quais alguns se resumiram numa cidade, repúblicas, ducados, reinos, senhorias, etc., era o campo de batalha das mais terríveis guerras estrangeiras, o território das associações de franceses, alemães, normancos, sarracenos, espanhóis, a arena movelada e ensanguentada dos mais cruéis conflitos intestinos, guefos e gibelinos, florentinos e venezianos, romanos e milaneses, Pazzi contra Medici, a nobreza contra os papas ou estes contra ela, uma briga secular, ferrenha, trágica, que a história, a poesia, o romance, o teatro vulgarizaram? Pois não foi de tal cans, desta "selva selvagem" que horripilava e confundia o Dente, que saiu essa época, única da história, e tão admiravelmente definida só pelo seu nome - a Renascença?

O nosso século XIX não precedeu, imediatamente também, quem sem solução de continuidade com sua arte nafa, com os maravilhosos progressos da sua ciência e da sua indústria, com todo um mundo e partes de outros chamados à vida e à grande civilização do ocidente, do agitado fim do século XVIII, com a Revolução, as guerras continentais, as insurreições nacionais que por toda a Europa se alastraram, as guerras da independência, a formação de novas nações, gestações sempre barulhentas e difíceis, as questões sociais e políticas, o aparecimento do quarto estado com suas reivindicações revolucionárias, e cominando tudo, talvez explicando esta feracíssima desordem, a anarquia mental a indisciplina espiritual, o livre pensamento que, desde a Reforma do século XVI, inspira, estmula, apela a evolução espiritual da humanidade, e por esta, a sua mesma evolução geral?

E toda a história, consultada sem preconceitos de ingenuidade ou convencional responsabilidade da mesma maneira, que a desordem não é tal obstáculo ao progresso, que este se faz a despeito dela e que, ao contrário, frequentemente o estmula porque por via de regra a deturbação (Continua na pág. 272)



Caricatura de José Verissimo, feita por J. Carlos e publicada em "Caret", com a seguinte legenda: "Galeria de Imortais, José Verissimo, Autor de Canaã"

## O adeus da Academia a José Verissimo - Filinto de Almeida

Uma deliberação inapelável do acaso fez que a voz menos eloquente, posto que não a menos sincera, da atual diretoria da Academia Brasileira de Letras viesse aqui dizer o último adeus ao académico José Verissimo.

Não fora a responsabilidade do cargo de diretor da Academia, nesta hora para ela tão solene, e talvez que ao simples amigo do morto lustrar que vimos entregar à terra acobitadíssima a necessária serenidade para erguer com firmeza a sua voz no momento em que o coração se lhe confrange e a dobra de sanidade, golpeado ontem brutalmente e de choque pela notícia do passamento inopinato deste grande e querido companheiro em tantos anos de luta e de trabalho.

José Verissimo nada devia à Academia. Quando ela se fundou, contou desde logo com o seu renome de escritor para o formação do núcleo de sonhadores de boa vontade que tinha de levar a cabo o ousado empreendimento da coordenação das forças dispersas do espírito do país, com o fim de lhes dar quanto possível a unidade que lhes faltava e enobrecer pelo agrupamento inteligente e profícuo ainda matquista das Letras na metrópole cosmopolita e indiferente. No prosaquinado deste ideal, José Verissimo deu à Academia todo o seu esforço, durante longos anos, incansavelmente. E por isso que José Verissimo nada devia à Academia e que a Academia lhe devia a ele quase tudo o que hoje é e o que hoje vale.

O seu entusiasmo risonho e afeto, a sua coragem, o seu estímulo sempre vivo, o seu espírito sempre alerta, atuaram eficazmente nos grupos mais ou menos apáticos que formam as materias de quase todas as agremiações no nosso país, em que a luz ofuscante e o calor depressivo do trópico pareciam enervarem e de alguma sorte paralizarem as vontades dos homens após o primeiro impulso que os agita.

Mas José Verissimo era, na sua aparência de fraco, uma magnífica reserva de energia, com o poder superior de transmitir aos outros e suprir-lhes as faltas frequentes, nos momentos em que fosse preciso lutar ou reagir. Verissimo pertencia a uma classe de homens raros no nosso país: tinha a capacidade a intelectual e a coragem da continuidade. Era uma força, porque era um caráter; e se alguma vez errou — como errou todos os empreendimentos alivos e energicos —

nunca em seus erros se viu comprometido ou diminuída a sua perfeita dignidade de homem e de escritor. E foi um, talvez excessivo e injusto, esculpido de ordem moral o que nos últimos dois anos o afastou da Academia. Não que a Academia, em seu conjunto, desse motivo para isso, tanto que respeitadas as regras, por meu próprio intermédio e por bons ofícios de outros académicos, tentou retirá-lo ao seu acio, em que a ausência da sua segunda atividade por várias maneiras se fazia sentir. E pela atividade que ele ultimamente dedicou a Liga pelos Aliados, onde soube nobre e altas vantagens para um nobilíssimo esforço comum, se pode calcular o desalique que a Academia sofreu com o seu afastamento. Mas não por isso a Academia lhe é menos grata, nem menos honrada a sua memória e o seu nome. E é para fazer solenemente essa afirmação, que eu aqui venho, sentindo só que a não possa fazer, por estar ausente, a grande voz nacional do presidente da Academia, que é a maior voz do país, e que, ao contrário do país, se aqui soara, ficaria para todo sempre vibrando nesta cidade angustiada do silêncio e da paz, como as dos profetas do Livro dos Ezequias, que sóu há mais de vinte séculos e ainda nos entra o espírito com o som da grandessa e do mistério.

Senhores, não competia à Academia nesta hora triste fazer o elogio literário do nobre escritor que foi José Verissimo. Esse tem, como sabeis, a sua oportunidade.

O apreço excepcional em que tinha o homem de letras e a sua cultura, manifestou-o nos pródromos do seu início — recolhendo-o para o grupo que tinha de escolher os outros e dando-lhe, no proleguimento da sua vida, cargos do maior destaque.

E por do homem inteligente e superior, é do académico entre todos esforçado e distinto, é do companheiro sereno, digno e bom que soube elevá-la e honrá-la sempre, que a Academia vem, saudosamente, maganda e comovida, trazer os definitivos despedidos. E onde nestas palavras páidas de quem a cuata discretamente retém as expansões da amizade e da estima pessoal, achardes que Yallege a eloquência, notareis que não falta a sinceridade; sei que isto é pouco para a Academia, mas basta ao seu orador ocasional. E estou certo de que o nosso querido amigo me se par-

(Continua na pág. 268)

# Algumas cartas da correspondência em

Imo. Exmo. Sr. Joaquim Machado de Assis.

Pará, 4 de março de 1933.  
Com esta receba v. excelsa, o primeiro número da "Revista Amazoniana" (1), da qual sou director. — É uma tentativa, talvez utópica, mas, em todo o caso, bem intencionada. Não sei se terá mais ou menos êxito, tanta vida como a "Brasileira" (2). Eu por mim o que posso prometer é que farei tudo para que viva. Mas eu não me meto de uma sociedade onde se cultiva das letras não estudam nada a sério, e se não fosse a tutela da proteção daquelas que, como v. excelsa, conservam vivo e amoro a tudo, não a publicação. — E, por isso, peço a sua valiosíssima colaboração que lecho a honra de escrever a v. excelsa, de quem há muito que sou admirador sincero. — José Veríssimo.

(1) Veríssimo fundou e dirigiu a Revista Amazoniana de 1933 a 1934 — (2) Revista Brasileira (2.ª fase), dirigida por José Veríssimo e Francisco Távora de 1935 a 1937.

Magníficas de Azevedo trazem a minha assignatura. Este escreveu-me anunciando um ensaio a meu respeito no último número da "Revista Moderna" (3). Sobre a mesma matéria publicou anteriormente um livro o Sylvio Romero; vou lê-lo (4). Vou ler também o número de ontem da "Revista Brasileira" e a mala portugal que trouxe de Adéis com carta de José Veríssimo, meus respetos a sua esposa, a filha e a saudade do v. lbe — M. de Assis.

3 de dezembro. Não mandei esta carta no dia em que a escrevi, por saber do Paulo que viria hoje; agora sei que só depois de 6 e vou pô-la no correio. Até cá — M. de A.

(1) Paulo Távora — (2) Graça Aranha — (3) Revista fundada em Paris (1907) pelo paulista Martinho Botelho, da qual eram colaboradores Eça de Queiroz, José de Góes e outros — (4) Machado de Assis — Estado comparativo de literatura brasileira, por Sylvio Romero, Rio, 1933. Lacomert & C. A. XXXII-348 pp. — Veremos, portanto, a carta de Machado a Lafayette, em 19 de fevereiro de 1938.

que eu pensei em pedir-lha, e me não animei. Melhor é, portanto, a ênologia de reconhecimento que se dá de não pedir. Estou como Bege depois de ler o Blogue de Palato Eliso. Eu lhe disse, e é a pura verdade: eu gostava do Livro (1) pelo que havia nele das minhas ênóias juvenis, das rezas e patalgas em que fui parte e onde vivi do amor ao livro e ao estudo, com tudo que se achava de modo, da impreza de ler e de escrever; foi, porém, v. que me fez sentir, que me deu a consciência que ele não era de todo desvalorizado, e isso quando eu lhe era um quase desconhecido, na primeira vez que nos vimos. Quantas vezes, desculpando-se a falta de vontade a divulgar esse livro que eu amava por aquelas razões. A sua consagração de ontem pelo Mestre indubitado não me permitirá mais duvidar, lá bem no intuito, dessa obra de mocidade e de amor. Sua de todo o coração — J. Veríssimo.

(1) Em 1899 apareceu a 2.ª edição das Enas da vida amazônica, de José Veríssimo.

e outros que são ainda os pés do XIX. Eu sou pela cabeça, como sabe. Sobre a minha série, veja-se, não sei se ainda é verde, mas verifique e, a dos anos e a do estado, cansaço ou o que quer que seja que não é a medicina primeira nem segunda. Vamos indo. Agora, meu caro amigo: um ano mais não é a péla de casa dos a pedras dos jornais, para nós a pedra não é o edifício da amizade e da rotina. Não digo isto alto para não vermos as pedras dos jornais substituídas por pedras. Até logo, ou até breve. Minha mulher agradece-lhe os seus cumprimentos, e eu peço que apresente os meus respetos a sua sobrinha Rocha, um abraço do "Velho am", e Admor. — M. de Assis.

8-1-1900.  
Meu caro Veríssimo. Saint-Beuve qui pleure un autre Saint-Beuve (Arsène Houssaye). — M. de Assis.

Rio, 21 março 1906.  
Meu caro Veríssimo. Penso que entoa, no salmão da, esquecimento, em cima da mesa do chá o primeiro tomo da "Resurreição" de Tolstói, que o Tasso Fragoso me apresentou. Caso assim seja, peço-lhe o favor de mandar-me pelo portador. Vai junto um folheto do Tasso, que contém o estudo de Jevan-lbe; peço que também que lhe dê, quando ai for. Eu não sei quando irei. É claro que logo que possa, e exala seja hoje. Até sempre. Velho am". — M. de Assis.  
Erc tempo. Vou juntos o número do "Pilaro" (delicioso Anatole) e outro do "Matin", que estava contigo há tempo.

Nova Friburgo, 28 jan. 901.  
Meu caro Machado. Não se passa um dia que me não lembre de você. E quando passo nas belas aldeias deste Iermoso porque, imagine-se a meu lado, como eu não posso não dizer das gentes e das coisas. Você não é um admirador da natureza; o que lhe interessa é a vida humana e o homem, as suas paixões e idéias; mas seria sensível a um dia "glorioso" como este. Cabe-lhe esse qualificativo? Imple: 1.º a sua vida, a sua obra, a sua personalidade, um dia de seu esplendor, um dia de sua beleza, um dia de seu dia de ócio, de longas conversações sob as árvores, a lembrar as belas coisas da "sacrosanta literatura". Como sinto não ter aqui! Diga-me de você, anarado a odiosa burocracia, quando vier aqui, mas que quer, não é? É verdade que você é essencial como ninguém. Recebeo o "Herold"? Mandei a meu filho que o deixasse no Gardner com destino a você. Trabalho aqui o menos que posso, e pouca vez luctando com esse regime. Não pode haver gente mais excelente que o meu colega poetas. O seu acanhamento, e mais que fôlego é carinhoso. Não escrevi a "Revista" (1) esta semana. Cada vez me confirmo mais no meu conceito de que é extremamente difícil trabalhar no campo, e fora do nosso meio. Aíás, concentro aqui na biblioteca do Jardim do Hacheco, e as facilidades de trabalho. Ele tem livros que lhe fariam a você como a mim me fizeram, vir água a boca: uma coleção que me parece completa dos clássicos portugueses nas primitivas edições; a grande coleção dos "Grande festival de France" do Hacheco, e a edição em papel do Japão em edição oficial de Victor Hugo com ilustrações dos grandes pintores franceses, e outras preciosidades. Não sei se lhe disse antes de partir que a Oliveira Lima (3) não vem mais ao Rio, e vai diretamente para o Japão. Mas não se preocupe alguma coisa com o tufo? Lembra-me aqui que esse seu lado de Laranjeiras são em geral vítimas desse "colera da natureza", segundo a velha e boa figura. Que me diz você do livro do nosso confrade F... de que ontem, no de teatro "Sion" (4), nos falou o mesmo Duarte? Que fútil de que mau gosto, digamos que tolice! E é isto, aqui entre nós, esta nossa pobre literatura — e esse um dos mais afamados dela. Eu não direi do livro, porque nem o meu, nem a minha, mas de qualquer um o amavel autor me permitiriam a liberdade de dizer como penso, que é um livro besta, "com perda da palavra".

como dizemos. Como a dominância do N... e a puerilidade, veja-se a do E... e a futilidade. Eles se valem. E o B... os seus corações. Que horror, que horror, que horror! Santo, santo devaras, porra de cabo, o B... era uma espécie de todos os espíritos liberais. Para mim é hoje um. Para um branco, acaso pior, por que não dá a mão do preto e do amarelo, contra a mesma coisa. Esquece que vive aqui, que fazer e abusar da sua inteligência. Meus respetos cumprimentos a sua genhira e um abraço cordial de seu — J. Veríssimo.

(1) Revista Literária, criação mensal que Veríssimo escrevia para o Jornal do Comércio, e depois do Jornal de Souza Dantas, depois do de S. Clemente, cuja edição, em Friburgo, era denominada "Canal de Friburgo". Foi para a Lima, eleito membro da Academia Brasileira, em 28 de janeiro de 1911, ainda não tinha lido o Brasil, por se achar em viagem do Rio de Janeiro. (4) Folhetim semanal de Adolfo Duarte (J. Guerra) no Jornal do Comércio.

Rio, 19 de abril de 1893.

Imo. Exmo. Sr. José Veríssimo. — Recebi a carta de v. excelsa, e o primeiro número da "Revista Amazoniana". Na carta manifesta o receio de que a tentativa não correspondesse a intenção, e que a "Revista" não se possa fundir. Não importa; a simples tentativa é já uma honra para v. excelsa, para os seus colaboradores e para a Província do Pará, que assim nos dá uma lição à Corte. — Há algumas dias escrevendo de um livro, o referindo-me à "Revista Brasileira", não julgando, disse esta verdade de S. Palato: "que não há revistas, sem um público de revistas". Tal é o caso do Brasil. Não temos ainda a massa de leitores necessária para essa espécie de publicações. A "Revista Trimestral" do Instituto Histórico vive por circunstâncias especiais, ainda não se fundiu com a "Revista" da grande publico. — Esta última, porém, não é a minha propria para saudar o aparecimento de uma nova tentativa; mas sei que não a um espírito pratico; saber das dificuldades, e resolve a vencer-las ou amansá-las, no mínimo. E se começa a "Revista Amazoniana" pode fazer muito, achando bem feita a parte. Pela minha parte, desde que possa enviar-lhe alguma coisa, fa-lo-ei, agradecerão assim a fita que me fez, convidando-me para seu colaborador. Sou com estima e consideração, admirador e obrigado confrade — Machado de Assis.

Rio, 1 dez. 1897.

Meu caro José Veríssimo. Recebi ante-ontem, 29, a sua carta de 27, e no hoje lhe respondo, porque o dia de ontem foi para mim de compilação e gratulações. Estimam ler o que me diz dos seus estudos de Nova Friburgo. A mim esse lugar para onde fui cadaverico há uns dezassete annos, e donde saí gordo e de qua appêlle gozo, não de sempre lembrar com saudades. Tenho certo que lhe escrevi, e todos os seus famíam, e invejosos a temperatura. Aqui reina o calor; apesar do temporal de ontem, escrevo-lhe com calor, as sete horas da manhã. Não pense que não compreendo o que me diz do caráter da vida del. Eu sou um pouco fraco da capital, onde nasci, vivo e creio que hei de morrer, mas tudo no interior semio por acaso e de relâmpago, mas compreendo perfeitamente que prefira um campo a esse misto de regra e de cidade. Tenho ido sempre a "Revista", onde o mesmo Paulo (1) continua a receber, com agraça e simpatia, com o bom humor que fazem dele um excelente companheiro. Somos todos firmes. Du Graça (2) não há ainda cartas, mas sei pelo negro que chegou bem. Estive na "Revista" com o Arthur Alvim, que veio da Europa, há dias, e aqui lhe trouxe os agradecimentos da viscondessa de Cavalcante pela sua transição pedu-me que lhe transmitisse e aqui o faço. Parece que a notícia fez até com que ela recebesse mais prontamente algumas informações para o livro. Ontem reunimo-nos onze acadêmicos para a eleição da Brevetaria e das comissões; sendo precisos qualificar nessa primeira reunião, que fez a parte de entrada para terça-feira próxima. O Paulo já lhe escreveu que as duas linhas que antecedem os versos do

S. d. [28-11-907]

Meu caro Machado. Você ainda vive para a Academia e para nós? Graças a Deus. Mas quando vieremos, quando debruçarmos, no momento por uma hora, essa nefanda Secretaria e o seu encantador de Ministro, Aqui fazemos todos votos para uma crise ministerial que o ponha del para fora. Quanto a recepção, se você se interessa por ela, quando quiser, o dia 15 serve, e preciso imprimir cartões e dar outras providências, mas isso é com a mesa, que se tem mostrada digna de todas as censuras. Amélia, Salles, Alarpe, Raymundo, Távora (1), se recomendam, todas zangadas e furiosas contra você. Meia-se. Um abraço saudoso de seu — J. Veríssimo.

(1) Graça Aranha, Antonio Salles, Alarpe Junior, Raymundo Corrêa, Paulo Távora.

Rio, 15-12-98.

Mess caro Veríssimo. Escrevo-lhe a tempo de suprir a visita pessoal, caso não possa ir agradecer-lhe as suas boas palavras de amigo no último número da "Revista" (1). Não quero encontrá-lo sábado à noite, sem lhe ter escrito, no menos, um abraço de longe. Aqui vai ele, pela critica de meu velho livro e pelo mais que disse do velho autor dele. O que você chama a minha segunda maneira naturalmente me é mais agraça e cabal que a anterior, mas é de achar quem se lembre dessa, quem a pensar e desluzpe, e até chegou a entrar nella algumas raizes dos meus arbores do hoje. Adéis, meu caro Veríssimo. A vista o resto, e creia-me sempre o velho a n.º e Admor. — M. de Assis.

(1) Refere-se Machado ao artigo de Verissimo sobre "José Garcia", publicada na "Revista Brasileira", vol. 16, p. 219.

(Rascunho incompleto de carta de Machado a Verissimo)

Rio, 6 rev. 99.

Caro Veríssimo. Cá vi hoje a mancha botosa que me fez, e mandei-lhe o troço do meu cartão apalmo ao artigo (1). Eu notava que o "Jornal do Comércio" nada dissesse, estando você lá, mas tanto melhor se guardou para dizer contra que todos. O mesmo Graça já me havia crechebto sábado e assim o disse com aquela expansão amotosa que lhe conhecemos.

(1) Em 1899 saiu a luz o volume Varas históricas de Machado de Assis, com artigo crítico do Jornal do Comércio, então escrito sobre o livro algum artigo, no qual se refere Machado.

Rio, 12-6-99.

Meu caro Machado. Em geral não leio os donzinhos a "O-Zita", e por isso só agora informo do pelo João Ribeiro do seu artigo, o J. Meu caro amigo e admirador mestre. É um caso de repetir-lhe o meu amor a sinceridade do "fallam-me expressões com que lhe agradeço". A sua fineza vale ao me fundo do coração. Imagine

Rio, 20 junho 1899.

Meu caro J. Veríssimo. Quase certo eu costo de não poder ir pessoalmente lá, vou por este alibite que não exige resposta. Visitei domingo o Francisco de Castro, a quem fizel na candidatura assignada por obter que se apresentasse oficialmente, logo que o avisei. Hoje esteve com o Rodrigo Octavio, a quem disse que aceitava a ideia de fazer na mesma sessão a eleição da mesa e a do nome acadêmico. Disse-me que tem cartões postais prontos, e combinamos que dez dias antes da eleição fossem sessão annunciada. Resda a casa ou antes a sala para este fim incerto; ele quer ver ainda se sabem a Biblioteca Plummer, e vai ter com o José Carlos (1). Também falamos de ir e deixar de secretária geral (2). Quero ver se (3) com o Blog na sessão de amanhã. Disse-lhe que a carta não tem resposta, mas é so para lhe preparar fadigas. De-me os seus conselhos, ou, pelo menos, as suas notícias e lembranças. Adéis; recomende-me aos companheiros, e distribua as saudades que aqui lhe manda — o velho am". — M. de Assis.

(1) José Carlos Rodrigues, director do Jornal do Comércio. (2) Vago com a notificação de nomeação para a cidade da Guyana Inglesa.

Rio, 1 jan. 900.

Meu caro Machado. Queria poder hoje escrever-lhe longamente, para lembrar-lhe que me deve um jantar ou almoço por ter entrado no novo ano da sua para mim, um que peço aos matriculados, gente sem logica nem certeza — começa hoje — e também para dizer-lhe como lhe quero e admiro — o que aliás já sabe — e os votos que faço para que nos continue a sua vertez vellesse, se não há abuso nesta palavra, além de dar-me mais obras, e mais daquelas memórias que são o meu desespero. Não o posso fazer, porém, porque estou ainda doente, e quer saber? Ainda de an. m. com apreensões tristes de miles que me vão acenente neste ano. Começo o sob mais auspícios, e vivo-me. Mas eu quero transmitir-lhe o meu deslente. Viva, meu illustre amigo, ainda muitos annos, como seus amigos e as nos, suas letras havemos mister. Meus respetos e cumprimentos a sua exma, senhora e um abraço fraternal do amigo e grande admirador — J. Veríssimo.

Gabinete, 5 janeiro 1900.

Meu caro Veríssimo. Recebi a sua carta ante-ontem à noite. Era minha intenção ir lá ontem, mas não pude, e não sei se poderel fazer-lhe hoje, provavelmente, não. Dado que sim, a visita apparece atrás da carta, mas para o caso de fallar a primeira, aqui vai a segunda. É curta, porque o Gabinete está cheio de gente e a mesa de papel. Agradeço-lhe as suas boas palavras amigas. Quando ao século, o século que me apresenta ao paria, reconheço que este é difícil, crendo uns que o que aparece é a cabeça do XX,

Rio, 21 março 1906.

Meu caro Machado. Não se passa um dia que me não lembre de você. E quando passo nas belas aldeias deste Iermoso porque, imagine-se a meu lado, como eu não posso não dizer das gentes e das coisas. Você não é um admirador da natureza; o que lhe interessa é a vida humana e o homem, as suas paixões e idéias; mas seria sensível a um dia "glorioso" como este. Cabe-lhe esse qualificativo? Imple: 1.º a sua vida, a sua obra, a sua personalidade, um dia de seu esplendor, um dia de sua beleza, um dia de seu dia de ócio, de longas conversações sob as árvores, a lembrar as belas coisas da "sacrosanta literatura". Como sinto não ter aqui! Diga-me de você, anarado a odiosa burocracia, quando vier aqui, mas que quer, não é? É verdade que você é essencial como ninguém. Recebeo o "Herold"? Mandei a meu filho que o deixasse no Gardner com destino a você. Trabalho aqui o menos que posso, e pouca vez luctando com esse regime. Não pode haver gente mais excelente que o meu colega poetas. O seu acanhamento, e mais que fôlego é carinhoso. Não escrevi a "Revista" (1) esta semana. Cada vez me confirmo mais no meu conceito de que é extremamente difícil trabalhar no campo, e fora do nosso meio. Aíás, concentro aqui na biblioteca do Jardim do Hacheco, e as facilidades de trabalho. Ele tem livros que lhe fariam a você como a mim me fizeram, vir água a boca: uma coleção que me parece completa dos clássicos portugueses nas primitivas edições; a grande coleção dos "Grande festival de France" do Hacheco, e a edição em papel do Japão em edição oficial de Victor Hugo com ilustrações dos grandes pintores franceses, e outras preciosidades. Não sei se lhe disse antes de partir que a Oliveira Lima (3) não vem mais ao Rio, e vai diretamente para o Japão. Mas não se preocupe alguma coisa com o tufo? Lembra-me aqui que esse seu lado de Laranjeiras são em geral vítimas desse "colera da natureza", segundo a velha e boa figura. Que me diz você do livro do nosso confrade F... de que ontem, no de teatro "Sion" (4), nos falou o mesmo Duarte? Que fútil de que mau gosto, digamos que tolice! E é isto, aqui entre nós, esta nossa pobre literatura — e esse um dos mais afamados dela. Eu não direi do livro, porque nem o meu, nem a minha, mas de qualquer um o amavel autor me permitiriam a liberdade de dizer como penso, que é um livro besta, "com perda da palavra".

Rio, 1 fev. 1901.

Meu caro J. Veríssimo. Quele que se lembra de mim lá em cima, boa e excelente. Tem havido um em baixo, com a diferença que você tem as almas das do be-pai-que para recordar os artigos, e eu tenho as russ desta cidade. Eu com inveja as notícias que me da dal e dos seus "dias gloriosos". Aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo (a temperatura) e maior que tempo visto, porque o de 1894 dizem não, não trouxe o tufo mesmo, o que me delto abaixo as suas grandes palmiras do jardim, e rancos grades, rancos grades, não me levou a mim, porque eu estava em casa, mas levou a minha e deixou cair a chuva em toda a parte. Começo a escrever, mas vou ler as tardes antigas em trovada; tanto melhor, se vamos temperar o calor. Pelo que receio, aqui a temperatura tem estado boa e excelente. Tem havido calor, mas é fraco do tempo. Creio a haver frio, depois daquilo





José Veríssimo. Desenho de J. Wash Rodrigues

# O sr. José Veríssimo

Tristão da Cunha

Nós no Brasil somos muito dados a paralelos de pessoas, e usamos chamar ao sr. José Veríssimo o nosso Brunetière. Eis um exercício ao mesmo tempo fácil, equívoco e vão. Há sempre modo de assimilar um escritor a outro, e entre os srs. Veríssimo e Brunetière não faltam parâmetros que não faltam divergências. Antes de tudo, esta aproximação implica um elogio e o elogio é merecido.

O sr. Veríssimo é um crítico, talvez o único dos nossos escritores que tenha dado todo o tempo à crítica. Nesse ofício adquiriu uma justa autoridade; espírito aberto, dedicação às letras, labor constante, independência, valeram-lhe a estima de quantos amam as cousas do espírito sem limitações de escola.

Como Brunetière, muito tempo dirigiu o sr. Veríssimo a nossa revista que reunia a colaboração da maioria dos escritores consagrados, a que se juntaram alguns moços. Era a *Revista Brasileira*. Não esqueçamos os bons serviços, por ela prestados à literatura brasileira. E esta posição de diretor da revista académica, sua ocupação crítica exclusiva, o prestígio de sua competência, bastam para justificar a comparação. Mas as divergências são muitas. O sr. Brunetière é católico, e o sr. Veríssimo anticlerical. Não que lhe faltem divindades. Mas ao passo que um é autoritário, e briga pela igreja, o outro, meio anarquista, penderia mais para Zola. Ambos detestam a arte pela arte, ambos por motivos morais. E não se encontram outra vez. E ainda isto, que não se pôde ignorar qualquer dos dois, querendo-se tomar conhecimento da vida intelectual dos seus países.

O sr. Veríssimo costuma reunir em volume os artigos que publica nos jornais ou revistas. Isso constitui uma sorte de *Vie Littéraire*, uma serie de estudos dignos de consulta. Desta vez dá-nos o terceiro da serie, *Homens e Cousas Estrangeiras*. Bão, o título o indica, ensaios sobre assuntos de fora, que e' ofereça ao nosso publico. Neste traço de Dom Quichote, do poeta Bocage, cuja reputação lhe parece excessiva, e que só foi genial nas poesias obscenas, que toda a gente leu, e de que ninguém fala, o que em verdade é maldade da sorte com o pobre poeta. Da-nos tambem um belo resumo das idéas do Professor Ferrero sobre Cezar e a Roma de Cezar. Mais adiante, sobre os ataques do Professor Aulard a Taine, cuida que mostra certo prazer silencioso em ver maltratar a sombra do historiador reacionário. Mas não terá notado o sr. Veríssimo que o Professor tambem tem sido acusado dos mesmos vícios de que acusa Taine?

Traía ainda de Nietzsche, a quem não perdoo o ter ensinado que a humanidade existe para criar beleza. Tranquilizai-vos, a humanidade não parece ter grande pressa de criar beleza. O feio continua. Londres, junho de 1910.

# TALENTO A FORÇA

(Maus costumes literários) José Veríssimo

Aos escritores que com tão usombrado talento e brilhante successo estão recriando o teatro nacional anto-ha-se atualmente um tema de comédia, que recomendo aos seus peregrinos engenheiros, o do homem que quer ter talento a força. Nem se diga que resultaria em arremedo mais ou menos disfarçado de Molière. Ao seu Esganarello obrigavam, com pancadas, a fazer de medico. Na comédia cujo assunto se está oferecendo aos regeneradores do teatro nacional será o protagonista que afirmo e imponha o seu talento, espantando os que hesitam em lh'o reconhecer. Como na linguaçã popular do Norte, talento e sinonimo de força, ali está uma indicação para os trocadilhos que ha de ter toda a comédia divertida. Infelizmente, entre os civilizados não corre esta sinonimia e, ao contrario, observa-se que a robustez física anda ordinariamente desentroncada do vigor intelectual.

A nossa comédia trata sobre a força de Molière, tal fosse a intelligencia com que a lizessem, a superioridade de um assunto de natureza mais elevada, prestando-se a representação artistica e a análise filosofica de certo rumo vezo do nosso tempo, de um ridiculo novo, de um tema literário accuso inédito. Não quero tirar ao seu futuro autor o mérito de inventa-la, limitar-me-ei a considerações gerais, que em nada lhe prejudicarão a originalidade.

Essencialmente, o caso se resume em ser aqui, no comércio literário, a oferta extraordinariamente maior que a procura. Há quasi tantos escritores como leitores. Se não mais. Em país de instrução escassa e medicina e cultura sempre incipientes, onde 80 % da população é analfabeta e o resto não lê, ou lê somente jornais ou linguas estrangeiras, há nos vinte por cento restantes, pelo menos, dez que são literatos, dos quais 6 é 12 ou 7 são poetas. A sim, não lhes sobram leitores, e estes se leem de ler a si mesmos ou entre si. O que se chama o público, esse não, os lê. Pas-se então na alma desses romancistas e poetas em potencia uma sombria tragedia. Incapazes, pe'a maior parte, de idéas gerais, de compreenderem as cousas e relações das cousas, sem verem que o meio não só é, e menos pede, tanto vezo e tanta prosa, principalmente tanto verso ruim e tanta prosa ôca, alardeada, quasi todos, de uma vaidade morbida, criam-se imaginações de hostilidades, claras ou occultas, de má vontade adversa, de invejas no seu talento. A custo, ás vezes, de sacrificios grandes, vencendo não poucas dificuldades, logram publicar umas, em troços de sentidos, magras brochuras, cujo feio as, e, o, por via de regra, não desentão do contexto. Como rarissimos as procuram, distribuem-na copiosamente. Recebem-nas com dedicatórias mais ou menos estilizadas em requintes suspeitos de umabilidade, jornais e jornalistas, criticos, confrades, camaradas, parentes, vizinhos, amigos, conhecidos e desconhecidos. Nem assim o livro circula e divulga-se.

Para cumprir-se a regra de que livro dado não se lê, os contemplados com estes não o leem, nem guardam. Muitos deixam-nos logo num ebo por uns tostões.

O noticiário da camarada, por complacência ou por muito solicitado, folheia o livro, percorre-lhe o talto o prefácio e o indice para se lhe inteirar do conteúdo, e acumulando qualificativos sobre qualificativos sagra a obra de prima e o autor de génio. Se nem este trabalho quer ter, recebe do autor

a noticia já feita e publica-tal e qual. Mais de uma reputação literaria se tem aqui feito por este processo. Os outros favorecidos com o seu exemplar, os confrades, os camaradas de roda, somente pelo que conhecem ou presumem conhecer do autor e pelo que lhe ouviram do livro, procuram generosamente a judar-lhe o anúncio e reclamo. Com estes únicos elementos, sem haver lido ou até aberto o livro, escrevem dele, ou antes do autor, maravilhas. Frequentemente, este mesmo se incumbem de fazer aparecer o artigo num jornal decadente ou falto de materia. Se o joven autor aconceitar se a'gum personagem importante ou endinheirado, como o Eminentíssimo escritor sr. Nilo Peçanha, fax reproduzir os artigos que sómente a sua posição lhe valen, nos a pedidos do *Jornal do Comércio*.

E, porém, curioso, e digno de estudo psicologico, que este mesmo autor que solicita estes gratuitos elogios, que até os escreveu ele mesmo, se livra sobre a sua sinceridade, o seu valor, a sua significação, e se desvança todo deste tema fumozinho de gloria que ele proprio soprou de um logo que ele mesmo acendeu. Singularis abismo da insondavel toice e tirque a humanas!

Os que não são literatos nem jornalistas ou sequer essa curiosa classe dos seus camaradas profissionais, isto é, a maioria do publico, se não deixa mais embair dos desavergonhados reclamos feitos a tanto "grande poeta", "incomparavel estiliista", "distinto dramaturgo" ou "brilhante conferencista". Por mais ignaros que sejam, ou se supõem os "intelectuais", sabem aqueles com toda a certeza, que gente credua de tão rasgadas encomiões foi sempre, em toda a parte, rara, e justamente desconfia dessa geração espontanea de notabilidades na rua do Ouvidor e adjacências. Assim, passa por esses despejados reclamos os mesmos olhos indifferentes com que lê os da Lugolinha ou do Jataí "Não pega", diz lá com seus bolões.

Estas mesmas considerações ouvi, outro dia, feitas com a bonomia viva, que é um dos encantos da sua conversação, a um dos melhores e mais sérios espiritos das novas gerações. La timando a má situação de uma literatura feita, sem estudo nem applicação, nem seriedade, por sugestões de vaidade, sem vocação real, verificava comigo que ela redundava, ao cabo, numa attitude, numa postura, sem nenhum ideal superior de cultura pessoal ou social. Disse-me (do que eu já desconfiava) que os que a fazem não se nãoem sequer uma dos outros. E, rindo, espiritualmente, de si mesmo, confessou-me que ele proprio acabava, "por amizade", de escrever um artigo encomiástico sobre certo livro.

Nada se me daria destas todas vaidades e ocas presunções, se isto não interessasse senão a e'is pessoalmente e á sua roidinha. A sua attitude, que nada legitima (quando alguma coisa pudesse haver que legitimasse tais attitudes), revê, porém, uma compreensão da literatura, que os creio errada e funesta. E só por isto, me occupo do seu caso.

Dão-me talis escritores o direito de crer que a literatura para eles não é a expressão emocional do escritor, do artista perante o drama da vida e os aspectos do mundo, ou o conjunto de idéas e sensações haridas desse espectáculo, e, portanto, cousa grave, ainda quando se lhe aliceria a manifestação escrita. Não é tambem um expoente de cultura, mas um brinco, uma prenda de sa-

## UMA GRANDE EPOCA DA HISTORIA BRASILEIRA

José Veríssimo

Para a história, e acaso mais para a psychologia da nossa formação politica da independência e constituição em nação soberana, não há certamente época mais interessante e actualiva que a que historia, em traços gerais, sim mas firmes, o sr. Gomes de Carvalho, e é a que vai da revolução de 20 em Portugal até ás vésperas da independência. Sempre a tive pela mais bela da nos a história moderna, da qual podemos em toda a sensação de animo patriótico, afiançar-nos Poderíamos mesmo, sem fa tar á historia, tratá-la até o Sete de Abril.

Nunca talvez foi tão vivo no Brasil o espírito publico. O ser, como foi, vivido e ainda soeletter, não quer dizer tivesse o espírito publico brasileiro, isto é, os seus representantes mais qualificados, a faculdade que os ingleses exprimem pelo seu intraduzivel "statesmanship". Disso deram provas rebais nas Cortes gerais os seus deputados. E' verdade que a tal respeito não lhes levavam notavel vantagem os seus co-egos portugueses. Nessa crise da monarchia portuguesa, nem uns nem outros sabiam bem o que queriam e a impressão que deixa este livro é que todos andavam ás tonitas. Talvez, aliás, seja esta a impressão que geralmente deixam todas as assembleias politicas.

Os portugueses, que, inspirados das idéas da Revolução Francesa, haviam feito uma revolução liberal para substituir a monarchia absoluta e retrógrada por uma monarchia constitucional, parlamentar e progressista, mostraram-se retrógrados apalnhados e politicos de curtas vistas, procurando conciliar a sua liberalismo com o propósito de reconcolização do Brasil, levando o voltar ao que era, ou menos ainda, em antes da vinda da familia real. Pelo seu lado, os deputados brasileiros, nesta legislação lidimos representantes das suas provincias, tambem buscavam na attitude que deviam tomar nas Cortes.

Óra parecia movê-los um intimo ou um manifesto desejo de autonomia e ainda de independência, embora gera mente velado em forma que de nenhum modo podiam afrontar os portugueses, ora procediam com se lhes não importasse a categoria ja alcançada pelo seu país, ou não comprehendessem o alcance das medidas propostas naquelas Cortes para dela o manterem. Testem-nha-o a sua conduta ante o decreto abolido os tribunais superiores do Rio de Janeiro criados por D. João VI, primeiro golpe na autonomia que nos dera este principe. Não é, infelizmente, virtude cardeal do novo historiador a clamar. Não mostra, por exemplo, claramente se os portugueses perceberam e proposadamente aproveitaram a falta de unidade de pensamento politico e ainda de sentimento nacional que havia então no Brasil. Ao invés deixa patente a nossa desuniao moral e incoerência do nosso organismo politico.

Os mesquinhos ciúmes das provincias brasileiras, a sua pequenina inveja do Rio de Janeiro, cuja supremacia lhes pesava mais que a de Lisboa, levou Pará, Maranhão, Pernambuco e Baía, a aderirem com acodamento — a adesão acodada e um velho hábito nacional — a revolução portuguesa. Certo com aquelas paixõesinhas baírristas concorreram nobres aspirações de liberdade em nome da qual se fez a revolução de 20, mas não se explica se não por esses ruins sentimentos, piorados pela inintelligencia politica, o persistirem algumas provincias nessa adesão, ainda depois que não era mais licito duvidar das intenções pouco liberais da metrópole a nosso respeito. Assiste tora a razão ao Sr. Gomes de Carvalho para assegurar, como faz, que "o bairrismo das terras do Norte, principalmente da Baía e a condescendência estupidia da do Rio (cujo deputado votaram a referida pressão) determinaram a solução prolixa do negocio".

Só do meio para o fim das sessões, quando os acontecimentos do Brasil tinham num rápido "crescendo" mostrado aos portugueses qual era a verdadeira situação do país relativamente ao seu e lhes determinado a natural reacção patriótica contra a colonia insubordinada, é que os brasileiros tomam attitude mais definida e chegam a declarações positivas de seu pensamento e aspiração, e até ao rompimento.

Há, porém, ainda, mais do que fora de desejar, tergiversações, dubiedades, e até um respeito, acaso excessivo, conquanto comprehensivel de antigos subordinados pe'os seus superiores. E se um ou outro, como Antonio Carlos, chega a desmandar-se em apostrofes veementes, os mais contemporizam e ainda conformam-se, como os que assinaram ou juraram a Constituição portuguesa, que era a negação de quanto em sua pátria se havia pela independência até os fins daquelle ano de 1821. (Letras e Literatos).

lão, alguma cousa que dá certo desajuste entre snobs e snobinas. Sobretudo uma attitude e uma macaqueação de Paris. E' assombrosa a sua ignorância dos nossos antecedentes espirituais, da nossa tradição literaria. Com arida arrogância menosprezam os melhores espiritos do nosso passado literário, os criadores dessa literatura de que se fazem parte integrante. Já ouvi a um meter á bulha a Gonçalves Dias, o único poeta brasileiro digno do qualificativo de grande, e a cujo estro se tem ido abeberar algumas gerações de poetas, Joaquim Nabuco, grande, poderoso escritor, do qual talvez jamais leram uma pagina, não é para eles mais que o brilhante orador do abolicionismo, Machado de Assis, um dos máximos escritores da nossa lingua, que prosava como Luiz de Souza, e cantava como Luiz de Camões", no justo dizer do sr. Ruy Barbosa, não passa, para muitos de'os, de um vulgar folhetinista. Em suma, da literatura de que presumem fazer parte, nunca leram cousa nenhuma, nem sabem nada. Ao seu pensar a nota literaria começa cada vez que um delles publica o seu primeiro livro.

Tal estado de espirito, parece-me grave e triste sintoma de descaminho ou perversão da nossa mentalidade, applicada a literatura. E como reflete seu dúvida o mesmo espirito da nossa sociedade, revê tambem o desequilibrio mental desta. E' digno de nota que, quando justamente em toda a America latina a intelligencia nacional se volta para o passado, procurando nas suas tradições mentais, uma linhagem espirituall que lhe justifique as pretensões presentes, e mais estímulos, exemplos e incitamentos, aqui, se faça esforço para negar e esquecer tudo o que antes de nós foi feito. Esta incapacidade de admiração e respeito não é só uma falta moral, é tambem um defecto intellectual, que roça pela estupidiz.

O cândido leitor facilmente imagina a resultante destas diversas forças, a vaidade, a ignorância, o ancelo e descomhecimento de gabos descomedidos, a falta de espirito, o aturdo sobre a inexperiencia e a irreflexão: é a incapacidade absoluta de emendar-se e melhorar, a repulsa de toda a critica, ainda, a mais simpática e a mais urbana, que não for o elogio bombástico, embora mentiroso. Não de ter talento á força, invicta Minerva.

CORRESPONDÊNCIA DE ESCRITORES

CARTA DE JOSE' VERISSIMO A GRAÇA ARANHA

O BRASIL E A POESIA José Verissimo

Decididamente a poesia não está tão perto de finar-se como usou quasi um século se lhe vem prognosticando. Ao contrario, segundo aliás succede com todas as manifestações da actividade mental humana, o seu aumento, ao menos em numero, é patente e universal. Custe embora a Sancho Pansa e ao vulgar bom senso de que ele é e mais conspicuo representante, a poesia, longe de esmorecer, prospera em toda a parte, e tanto nestes nossos países sentimentais, de lingua sonora e cantante e alma melancolica e debil, como nos de animo mais pratico, de espirito mais reflexivo e realista, e de existencia mais laborosa e afadigada. Em Londres, por exemplo, publica-se por semana talvez maior numero de livros de versos do que em Paris. E nos Estados Unidos, nesse povo que imaginamos exclusivamente entregue a maquinismos, negócios e industrias, os poetas são, como aqui, legião.

Não tira, porém, que aqui, como alhures, eles sejam talvez demais, e super-abundante a sua produção. O fato é que os excellentes, ou sómente bons, os grandes, são em toda a parte cada vez mais raros.

No Brasil, os houve sempre em abundância, muito mais do que o presumiria o nosso gosto e malormente o nosso consumo de poesia. Segundo a fina observação de um crítico da primeira metade do século passado, nós fomos um Parnaso antes de sermos uma nação. Hoje, acaso mais do que nunca, há poetas em barda ou, como agora se diz, em penca. Um amigo meu, amador de versos e curioso de cousas literárias, tem a mania de colecionar poetas, quero dizer, livros de versos. Em vinte anos, que os reúne, conta a sua coleção muitas dezenas de brochuras de todos os feitios, cores, e formas com milhares e milhares de versos.

— "Eu só quero ver, diz-me elle maliciosamente, daqui a mais alguns anos, o que resta de tanto poeta, e quantos destes que aqui tenho estarão vivos na memoria dos seus concidadãos".

O erro deste meu amigo é aplicar a sua maligna curiosidade de colecionador somente aos poetas. Faça-o ele com toda a casta de autores e terá o mesmo resultado: verificar a validade da maxima parte, se não da totalidade, do nosso esforço mental. Seculos antes dele já o averiguara o gosador intelligente e desiludido que escreveu o Ecclesiaste.

Aos poetas, ou que se abo-nam de tais, é que pouco se lhes dá, e fazem muito bem, com estes agouros, menosprez-os e excomunições. Sentem em si a necessidade, o gosto ou apenas a validade de cantar, e cantam. Eu por mim, mesmo quando lhes acho impertinente o estímulo e ruim o canto — o que desgraçadamente me succede com demasiada frequencia — estou disposto a perdoar lhes, considerando que a ingenuidade, que chega a ser tocante, com que elles se publicam e a liberalidade com que se dão, ajudam a conservar, neste bronco mundo de interesses e materialidades, um pouco de ideal para que ele não seja de todo inasportavel aos que não podem prescindir deste. Pode-se ainda levar-lhes em conta para os desculpar, e até estimá-los, que podiam fazer cousas peiores do que versos.

O "ADEUS" DA ACADEMIA

(Continuação da pág. 205) ita, se me pudera ouvir, gostaria que fosse este sentimento o que transparecesse nas minhas palavras, singelo e claro. Isto pressuposto, bastará também a Academia Brasileira de Letras dizer-lhe assim o derradeiro adeus.

FILINTO DE ALMEIDA.

que que tratei, são tam-  
bem os meus. Já li  
o livro de Nietzsche  
que me falas. No meu  
exemplar marquei  
umas poucas palavras  
de parafuso no meu  
do barbaço. Mas, ei,  
querer tuas razões a' isso,  
e não veras nestes cem  
anos que se leji  
letras estimadas em  
exemplares segundo  
o coração de Nietzsche.  
Desde o Rio Branco até  
o ultimo condutor  
do barbaço e Euclides.

o's melhores exemplares  
brasileiros. E o deus é  
que elle mesmo está  
em a sua abscença.  
simplicidade e candor  
são os seus. Quer que  
seja que, para nós,  
e que tenhamos perdido.  
Tei sabido de Graciosa,  
espera-te e como já os  
diz praticamente em  
falta por os meus de  
a Ti.  
Os exemplares e a  
de todos os a' a minha  
a Heloise de Thun  
Teles e a Ti.

Reu José

critor brasileiro. E o diabo é que ele mesmo está com a sua adoravel simplicidade convencional disso. O que quer dizer que, para nós, é um homem perdido. Irei sábado ao Estor esperarte e como já estou praticamente em férias posso me dar todo a ti. Cumprimentos afetuosos de todos nós à comadre Heloisa, ao Themistocles e a ti.

Teu VERISSIMO .

Alta Graça  
Após tão longa falta  
de comunicação com  
tigo, acabo de receber  
a tua carta.  
Tambem eu sinto a nos-  
sa reciproca ausencia,  
e teria procurado de  
fazer-te, indo ver-te, se  
não receiasse que o  
meu presente estado  
de alma não seja o mais  
proprio para impôr  
os meus aborrecimentos  
aos amigos. Mas me  
perguntas o que tenho,  
que te não aborrecas de

ver, e a certeza, de que  
felicidades de vida, e  
eu sei que mas sinto  
que esse meu grado me  
desagradavel a todo  
o mundo.

A tua carta fez-me  
grande bem. Sabendo  
quanto bondade e  
condescendencia pões  
nos teus juizos e nos  
pontos de minha vida  
na literatura, não  
pouco me dá a certeza  
meus as letras e a  
E quanto aos teus  
conceitos das causas

Meu Aranha:  
Após tão longa falta de co-  
munição contigo acabo de  
receber a tua carta.  
Tambem eu sinto a nossa  
reciproca ausência, e teria  
procurado desfazê-la, indo  
ver-te, se não receiasse que o  
meu presente estado de alma  
não seja o mais próprio pa-  
ra impôr os meus aborreci-  
mentos aos amigos. Não  
me perguntes o que tenho,

que não saberei dizer; é a  
velhice, são dificuldades da  
vida, e não sei que mais sin-  
ta que sou mau grado meu  
desagradavel a todo o mundo.  
A tua carta fez-me grande  
bem. Sabendo quanta bon-  
dade e condescendência pões  
nos teus juizos a respeito da  
minha íntima literatura, nem  
por isso me tocaram menos as  
tuas opiniões. E quanto aos  
teus conceitos das causas as

que tratei, são também os  
meus. Já li o livro de Nietz-  
che de que me falas. No meu  
exemplar marquei umas li-  
nhas justamente pensando no  
nosso bárbaro. Mas creio  
quem tem razão é ele, e não  
será nestes cem anos que os  
brasileiros estimarão um es-  
critor segundo o coração de  
Nietzsche. Desde o Rio Branco  
até o último condutor de bon-  
de, o Euclides é o maior es-







Correspondência de escritores:

Carta de José Veríssimo à sua noiva

30 de novembro de 1894.

A minha Maria muito amada... Há hoje dois meses, dia...

gar. — A minha vocação única, que até hoje as circunstâncias...

indignação, que aliás a sociedade não só aceita e não censura...

JOSÉ VERISSIMO

HUMBERTO DE CAMPOS

O Pará, excedendo o Amazonas, é, de todo o norte, o Estado que tem fornecido ao país, nestes últimos tempos...

Mesmo assim, com essa reduzida contribuição para o patrimônio da mentalidade nacional e, consequentemente...

Muita gente ignora, ainda, fora do Rio de Janeiro, o que era realmente, no conjunto da sua personalidade, aquele grande trabalhador...

O homem, nele, era a explicação do escritor. Escrevendo, no dia da sua morte, o seu necrologio, acentuava alguém...

Para definir a severidade dessa "figura provincial da Academia", como o qualificou, em uma crônica de saudade, o Sr. Carlos de Laet...

É um crítico de alto saber e grande competência, não há dúvida; mas... que rouba no peso!

Achando a frase interessante, Euclides a transmitir, no mesmo instante, e na presença do autor, a José Veríssimo, que sorrindo com a sua tímida costumeira, retorquiu:

— Quanto ao saber e competência, estou bem longe do que desejaria; quanto ao resto, trato de dar a cada um aquilo que, pela balança do meu critério, ele pagou, e merece

Do seu rigor como crítico, e da resistência das suas convicções diante, mesmo, das maiores obrigações de amizade, deu ele a prova, por mais de uma vez. José Veríssimo era, na redação do "O Imparcial", das figuras mais prestigiosas e queridas...

A amizade que ligava José Veríssimo a Miguel Melo era, ainda, mais estreita. Fora pela mão de Miguel que José Veríssimo entrara para o "Imparcial", onde a sua colaboração era convenientemente remunerada...

Em José Veríssimo havia, assim, acima de tudo, o homem sincero, intransigente. Imediatamente, ele a si mesmo. A sua pena foi, na vida, a sua espada de Cavaleiro Negro...

Quand on disait: l'épée est d'acier leur épée. Fièr et toujours au vent, répondait: l'homme aussi!

ENTRE NUVENS - Ribeiro Couto

(Da Academia Brasileira)

então, sem relação com qualquer sentido léxico, provocava reações violentas como por exemplo, "conferência", "boulangerie", ou qualquer outra que me lembre uma taboleta de loja numa vitrine, uma letra de anúncio...

Os dentes mais graves são certos colchetes de cara evidentemente estrangeira, que às vezes escorrem a noite, ao dobrar de uma esquina...

taíhas, da ocupação, dos sofrimentos a que assistiam. Por um momento, com entrevistas e fotografias, fizeram estremer de indignação e solidariedade os moradores dos subúrbios, que à noite, depois do jantar, sem chinelos, leem minuciosamente os jornais...

Eu sei que uma grande dor os dilacera e porisso mesmo ainda mais lhes admira o jeito desenvolvido com que conversam, gesticinam...

— A vida, répito, vai ser para ambos nós uma vida de trabalho; mas o trabalho é doce quando um fim superior o dirige e quando, feito a dois, o amor o preside...

HERESIA SOCIOLOGICA

(Continuação da pág. 263) sordem corresponde nas sociedades a certas crises patológicas utéis nos indivíduos, crises eliminatórias de elementos mórdbios que lhe empicam a saúde...

(Continua na pág. 271)

(“Almanaque Garnier” — 1907)

# "O INTERMEZZO", de H. HEINE

26

Gonçalves Crespo

Naquela manhã ditosa  
O sol manjava-nos beijos;  
Do rouxinol os solfejos  
Suspiravam na amplitude.

Se me lembro, aí! se me lembro  
Desse amplexo demorado,  
Com que tu, meu lírio amado,  
Uniste-me ao coração!

Grasava o corvo agourento,  
As secas folhas caíam,  
E uns tristes raios desciam  
Da plúmbea curva dos céus.

Se me lembro, aí! se me lembro  
Da fria e grave mesura  
Que, naquela tarde escura,  
Fizeste ao dizer-me — adeus!

27

Luiz Rosa

Eu te amei e te quis, e tu falavas  
Que entregues a mim teu coração deixaste,  
Mas, enquanto sorri e tu amavas  
Ah! um arrajo só tu não mostraste

Como louras crianças percorremos  
As plamedas rindo entre os verdores;  
E, ah! meu amor, então nunca soubermos  
O que era o mal e o que eram dissabores.

Mais tarde quando em nosso peito havia  
Tanto ardor, e desejos palpitando;  
Ah! minh'alma! olhando o céu, tremia,  
Minha boca, em teus lábios se fartando.

Hoje, porém, de súbito revendo  
O passado gentil em dor envolta,  
Ah! coração! minh'alma estremeando  
Chora a estância feliz que já não volta.

Esse tempo feliz em que fulgavas  
Escondida na moita úmida e fria;  
Tu por nós que me visses não me achavas  
E eu por nós que quizesse não te via.

28

Rodrigo Otavio

Eu não creio no eterno Paraíso  
De que falava o cura pacherrento  
Do meu torrão natal...

Creio no teu angélico sorriso,  
Que o meu isolamento  
Faz resplender de luz celestial.

Eu não creio no Deus onipotente  
— Pastor dos homens e senhor dos céus —  
De que falava o cura reverente...  
Só no teu coração creio; somente...  
Não conheço outro Deus.

Eu não creio que exista um tal diabo,  
Nem nos horrores que pintava o cura,  
Das penas infernais...  
Creio no ardente olhar que me tortura,  
Creio que ele aos meus dias dará cabo...  
Não creio em nada mais...

29

Gonçalves Crespo

Foste fiel, no caminho  
Doloroso que eu seguia,  
Deste-me alentos, carinho,  
Meu consolo foste, e guia.

Deste-me tudo, ó consorte,  
Roupa branca e até dinheiro!  
E ao partir para o estrangeiro  
Compraste-me o passaporte!

Deus t'o pague, meu amor!  
E um viver te dê tranqüilo  
Mas que te não faça aquilo  
Que tu me fizeste, flor!

30

João Ribeiro

Ao seio do planeta avaro e mudo,  
Mão arrancou-lhe frêmitos joviais,  
Tudo agora sorri, alegre é tudo...  
Eu, não! porque não posso sorrir mais.

Há flores pela terra e há trons de sino,  
Como as de Esopo as aves falam tais.  
Todas as bocas abrem-se n'um lino...  
Eu, não! porque não posso abri-la mais.

Tenho do mundo um tédio aborrecido  
E oleio-amigos que odiei jámais —

Pois ela (o que não tinha) tem marido...  
E ai de mim (o que teve) não tem mais...

31

Gonçalves Crespo

Enquanto eu andava viajando, a minha  
Noiva gentil, o meu tesouro amado,  
Julgando que eu tardava e que não vinha,  
Fez à pressa o vestido de noivado,  
E um dia ao pé do altar, entrega ansiosa  
A um fôfo peralvilho a mão de esposa.

Nada no mundo a minha amada iguala;  
Nem eu sei a que a possa comparar!  
Que doce é o aroma que seu lábio exala!  
Que gesto lindo! e que formoso olhar!  
Suspende a queixa, coração traído,  
Deixaste o céu, do céu foste banido!

32

Raimundo Corrêa

Tanto as puniceas rosas  
Das faces, como as brancas açucenas  
Dessas mãos caprichosas  
Nevadas e pequenas;

Tanto os jasmims do seio  
Como as azues violetas desse olhar  
De fantasias cheio,  
Cheio de alma luar;

Tudo em vós com afeto  
A primavera orvalha, e à luz se inflora,  
Fulge e irradia, exceto  
Um só lugar, senhora;

Um ponto, um só, existe  
Deserto em vós; somente uma região  
Árida, estéril, triste...  
E é: vosso coração.

33

Lucio de Mendonça

Como é formosa a terra e azul o céu festivo!  
Doce brisa estival

Sopra: por toda a parte o solo é um jardim vivo,  
E nas flores cintila o orvalho matinal;  
Uma luz de alegria anda no ar, e à porta  
De cada habitação há risos e folgado;  
Ah! quem me dera já no meu túmulo, quedo,  
Morto, estreitando ao peito a minha amada morta.

34

Lucio de Mendonça

Ó doce amada minha, quando um dia  
Tu te fores deitar na campo fria  
Irei nela deitar-me ao lado teu.

Beijo, abraço-te muito ardentemente,  
E tu, pálida, muda, indiferente...  
Grito, estremeço, morro também eu.

Ouve-se meia noite; os enterrados  
Erguem-se e dançam, grupos nebulosos...  
E, estritamente unidos como esposos,  
Ficamo-nos no túmulo deitados.

Eis o dia da ira; convocados  
Erguem-se os mortos para a dor e os gozos...  
E nós, do eterno prêmio desceuidos,  
Deixamo-nos ficar, beu abraçados.

35

Taveira Junior

Só do Norte em frio monte  
Um pinheiro vê-se erguido,  
Dormita em seu alvo manto  
Em neve e gelo envolvido.

Com uma palmeira sonha  
Lá do longínquo Oriente,  
Solitária, muda e triste  
No peudor de rocha ardente.

36

Fontoura Xavier

Belas estrelas, si algum dô mereço  
Falai de mim a meu amor distante,  
Dizei-lhe que ainda e sempre permaneço  
Pálido, o peito em chagas, mas constante.

37

Lucio de Mendonça

Diz a cabeça: Venturoso o mocho  
Onde a querida pouso os pés pequenos!  
Podia eu mim tripudiar, se o fosse;  
Nem uma queixa me ouviria, ao menos.

Suspira o coração: Afortunada  
A almofadinha em que as agulhas crava!  
Fosse eu, e bem podia trespassar-me  
A sua mão, que mais a abençoava.

Geme a canção: Feliz a folha branca  
Que em papelotes ela despedaça!  
Fosse eu, e murmurava-lhe aos ouvidos  
Tudo que dentro em mim canta e esboça.

38

Silva Ramos

Quando ela andava longe, a minha amada,  
Morria em mim o riso, ao vê-la ir.  
Rio-se em torno a turba desvaída,  
E eu não podia rir.

Depois que me fugiu, que a vi perdida,  
Eureglou-me o pranto o atroz penar.  
Minh'alma arqueja pela dor vencida,  
E não posso chorar.

39

Gonçalves Crespo

Das minhas penas fiz canções aladas  
De alegre jeito e jovial feição.  
Vi-as partir em doidas revoadas,  
E vi-as procurar teu coração.

Partem alegres, voltam lacrimosas,  
Perdido o fresco riso ingénuo e ledô,  
Mas do que viram guardam silenciosas,  
O mais profundo e lúgubre segredo.

40

Gonçalves Crespo

Eu não posso esquecer, perdão, minha senhora,  
— Estes laços de amor custam a desatar —  
Eu não posso esquecer, ó minha doce aurora,  
Que subjuguéi teu corpo e essa alma singular...

Teu corpo, aí! o teu corpo esbelto, moço e branco,  
Já foi meu, já foi meu... mas neste instante, flor,  
Da tua alma prescindindo, e escuta, serci franco,  
Basta-me a que possuo, ah! basta, meu amor!

Se um dia suceder, que esse teu seio trema  
De novo junto ao meu, hei de insuflar-te, douda,  
Meiade de minh'alma, e então, glória suprema!  
De ambos nós, meu amor, faremos um só todo...

# A mão do Aleijadinho

Alphonsus de Guimaraens Filho

Talvez pela mesma um convulso eufemismo em Sabará. E' deo avarar no tremalinho mar... de atravessar a ponte da... saber um pouco de... de clarificar do Caquende... depois a uma pe... de surpresa, re... de um aspecto al... de (se for possível) e... quem está vagando... e munião.

Poros minutos depois de estar em Sabará, o viajante pode se sentir intrinsecamente integrado a cidade e tirar, com certa independência, as suas conclusões. De tal maneira que não tardará a formar, para seu uso exclusivo, uma história particular da terra do velho Borba.

O inevitável é mesmo uma penitência pelas Igrejas... Diante das obras do Aleijadinho, a arte admirável portico de Carmo ou a imagem de São João da Cruz, por exemplo, não há quem não se sinta transportado. É a história de Sabará, todos nós sabemos, está naqueles tempos santuosos, que reatua em a mão do gênio colonial. Já o professor Zenonisto Passos escreveu no seu excelente livro "Em torno da história de Sabará": "Estamos fazendo, mesmo sem querer, uma digressão em torno da história de Sabará grande parte dela denunciada à sombra benfazeja de seus templos." Esse primeiro volume de "Em torno da história de Sabará" trata propriamente da fundação da Ordem do Carmo e consequentemente de sua maravilhosa igreja em Sabará, onde o Aleijadinho... E o Aleijadinho o viajante chegará, obrigatoriamente, nos seus bequinhos do sonho. Então, se sentirá disposto a interromper o trabalho do medito geral, com umas palmadinhas nas costas:

"Seu" Lisboa, quando é que fica pronta esta portada? Intimidades do viajante... E Antonio Francisco Lisboa acolhera o viajante com um sorriso meio disfarçado por uma necessária carência... Pensamos na permanência do Aleijadinho na velha Sabará quando ali foi a trabalhar para a Ordem do Carmo na construção da sua igreja. Há no livro do professor Zenonisto Passos uma passagem que não posso deixar de transcrever. Na sua apatência feita, estas palavras encerram enorme significação para quem souber penetrá-las, lembrando os recuados anos em que o artista aleijado esculpia com dificuldade e raiva, transfigurando a pedra-sabão: "A pedra para os trabalhos ao frontispício foi transportada do Brumado, perto do Carajá, pelo carreteiro Antonio da Costa Dias, com quem na Mesa do Carmo assinou contrato no dia 4 de Janeiro de 1769."

Nestas palavras o viajante ficará meditando em frente a Igreja do Carmo. E quando a sua vontade (digo mesmo saudade) se tornar insuportável e sentir urgência de se refugiar na poesia, poderá recorrer ao soneto de Manuel Bandeira sobre Ouro Preto, soneto do qual alguns versos servem inteiramente a Sabará. Principalmente o terceiro final:

# A VIDA E' DE CABEÇA BAIXA - ALVARO MOREYRA

## GUERRA

Está para quem quiser ver no fim do primeiro capítulo da "Gênese", em hebraico "Bereshit".

— E viu Deus todas as coisas que tinha feito, e eram muito boas. E da tarde e da manhã se fez o dia sexto.

Nenhuma vaidade de Deus. Nenhum otimismo. As coisas eram muito boas mesmo.

No dia sétimo, ao acabar a obra, foi que cometeu o erro desastroso da criação do homem.

Para que, meu Deus? para que?

O irresponsável marido de nossa velha e extravagante família começou logo por se hipnotizar. Em plena sono, perdeu uma costela e ganhou uma mulher.

Dessa mágica dalem os reis, os escritores, os pormenores seu conta que, até as últimas horas, insistiam em espalhar isso que os povos de coroação descrevem e chamam de humanidade.

Adão, depois de perder várias ocasiões, morreu aos noventa e três anos.

Verificou-se o óbito, afinal, antes de José parar o sol, muito antes dos riscos que Galileu andou carregado, inutilmente antes de Cristóvão Colombo descobrir a América.

Então, ninguém se importava com o petróleo, e a siderurgia era, no espaço, uma hipótese à procura de uma época, do mesmo jeito que a ondulação permanente, o nacional-socialismo, os "marcos placês".

Já havia guerra, de certo. Mas particular. De amadores. Os profissionais vieram mais tarde. Alguns ganharam o nome de bárbaros. Alguns ganharam o nome de heróis. Conforme os pontos de vista. Os pontos de vista, desde longe, atrapalham a vida. São, em geral, da espécie de uma doença que grassa nos desertos e ataca muito os camelos: miragem.

E assim que se escreve a história.

Deve influir na execução que de vez em quando envolve os habitantes da terra, além da fome, a diversidade das línguas. Cada hora a gente se entende menos. Entretanto, o descontentamento, forma original do amor entre os governados, produz o cdo entre os governadores. Os governadores declaram a guerra. Os governados não brigam. Seguem-se as consequências.

## MEU VELHO AMIGO

O pintor Carrière, que amara a realidade, punha a vida nos seus quadros através de um nevoeiro...

## MAIO

Rosas na terra, Sinos no ar. Uma graça mística em torno de tudo. Tenho desejos meusos: cultuar nas Igrejas à hora das novenas, ouvir a música dos anjos, encher o coração de incenso. Quando a noite vem, — que saudade vem com a noite!

Como dezembro é o mês dos pequenos, dos simples, dos humildes... maio é o mês dos que cresceram e se complicaram, dos que se vestiram de orgulho porque não querem que os outros vejam a sua pobre nudez.

Em maio a gente se enternec por tudo... por uma garota que vende flores... por um relevo que caminha a sombra de uma música... por um perfume que se reencontra... por uma janela iluminada... pelo luar... por todas as reticências do mundo...

Maio, outono lindo, recalque de primavera... Doçura do ano... Poeta sentimental que morre moço, em trinta e um dias, mas que volta depois, sempre igual, sempre com o ar bom, a mesma camaradagem, um pouco triste, um pouco alegre...

Ignora se foi de propósito que a princesa Isabel escolheu maio para acabar com a escravidão no Brasil. Deve ter sido por acaso, aproveitando a ausência do imperador, que era magnânimo e lhe a "Bíblia" no original. Lembra-me da curta de um fazendeiro de São Paulo, mandando a uma folha da capela:

— Comunico, com muita satisfação, que, em homenagem à patriótica lei de 13 de maio, declarei livres todos os meus escravos.

E também me lembro de um velho funcionário público, chamado Cordeiro, que havia em Porto Alegre na era de D. Pedro II. E' provável que em outras cidades, naquela era, houve-

mente a Sabará. Principalmente o terceiro final:

"E avulta apenas, quando a incoite de mansinho vem, na pedra-sabão lavrada (como rendá, — Sombra descomunal a mão tão Aleijadinho!"

Depois, o viajante chegará ao reino das descobertas e se sentirá um Cabral ou um Colombo disponíveis. Mais um Cabral, porque inteiramente favorável ao acaso... Pois junto ao Museu do Ouro, que o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional está organizando, mora o pintor Onésimo. Melhor: o alfaiate Onésimo, que nas horas vagas se diverte pintando. O alfaiate pintor é bem um tipo característico da velha Sabará. Um artista que trabalha no seu canto, esquecido, que passa as horas de folga no meio das tintas, divagando... Antes que lhe perguntem, o alfaiate Onésimo faz questão de esclarecer que não estudou pintura em parte alguma. E está-se vendo que se trata de um artista principalmente intuitivo. Mas no próprio Museu do

Ouro há outra descoberta, entre tantas... Outro pintor nos surge... Sabará é uma terra de pintores. Desta vez, trata-se de Virgílio, empregado do Museu. No pórtico, lá estão espalhadas as suas pequenas telas. E ali temos outro artista intuitivo, desses que anonimamente atravessam a vida, muito comparáveis aos poetas do interior, campeões do desafio, de assombrosa espontaneidade...

Satisfeito com as descobertas, o viajante desce agora as ruas de Sabará. Já não pensa sino no Aleijadinho, novamente lhe assalta o desejo de divisá-lo numa das ladeiras, carregado por escravos, e cumprimentá-lo com intimidade... Quanto aos pintores Onésimo e Virgílio, tão imperfeitos mais também tão espontâneos, o viajante só pode agradecer, silenciosamente, a emoção que lhes deram. E olhai: Sabará se entrega ao crepúsculo. As sombras dançam sobre o rio das Velhas. Mas a maior sombra é aquela, descomunal e informe, que desce sobre as igrejas: a mão do Aleijadinho.

(Belo Horizonte, maio de 1942).

se outros funcionários públicos daquele nome. Porém, sem dúvida, é só da existência desse que eu sei, porque era amigo de um meu avô, incapaz de mentir. Incapacidade como qualquer incapacidade. Como a de deixar de mentir, por exemplo. Pois, seu Cordeiro, quando um governo caia ou subia, não tomava conhecimento do fato. Meu avô lhe perguntava:

— Então, lá se foram os Conservadores?  
— Sim?  
— Sim, homem! Estão no poder os Liberais!  
— Bem. Mudé de patózes.

Governos de etiquetas diferentes partiam e chegavam. A resposta de "seu" Cordeiro permanecia igual:

— Bem. Mudé de patózes.  
Permaneceu igual no aparecimento da República. E igual permaneceria nos demais aparecimentos, se a morte não viesse dar antes, ao inflexível servidor do Estado, os patózes definitivos.

"Seu" Cordeiro era um símbolo. Foi pena que se chamasse assim. Eu preferia que ele possuísse um nome forte, de bicho independente: Lobo, Tigre, Leão, ou de pau proveloso: Carvalho, Cedro, Pinheiro, Brasil, Brasil seria ótimo.

E' que o Brasil, em geral, não tem idéias, — tem sentimentos. A Abolição foi um sentimento. Herdamos do cativo uma expressão para o amor: — Minha negrinha... — E consumimos muito tempo até a certeza de que o preto é um homem como qualquer um de nós, e não um escravo apenas.  
O resto é poesia.

## UM POUCO DE JAYME OVALLE

No tempo em que ficamos amigos, Jayme Ovalle — Don Jayme Rojas de Aragón y Ovalle — tocava violão. Porém afinava mais do que tocava. E nisso se parecia com o pai de Goethe, difícil também de por em ordem os sons do alaúde. Ovalle, então, já era violão. Possuía, entretanto, uma grande família: todos os anjos do céu, todas as mulheres da terra. A noite e o mar tinham o seu sangue. Chamava os pobres de irmãos. As cantoras dos "choppes", de filhas. Viviu com a música e escreveu cartas com acordes. Um homem sem idade. Homageou Schubert. Seguiu Jesus naqueles anos em que Jesus andou nuído, e nunca revelou o segredo de tal sumiço. Intimo de Shakespeare. Companheiro de Molière, em quem não achava graça. Muitas vezes excluiu o vento ao lado de Walt Whitman. Junto de Antero do Quental, disse:

Na mão de Deus, na sua mão direita, descansou afinal meu coração... E nunca se suicidou.

Mais do outro mundo do que deste, tal qual o "dauvier" Ronsard, Ovalle trabalhava na Alfândega. O santo da Alfândega. Um dia, nostálgico, adquiriu um órgão. Um órgão pequeno. De saída. Sem violão, levou o órgão para o quarto. Era na Glória, em frente da estufa de Pedro Álvares Cabral. Assim que saía da Alfândega, ia comprar. Trazia a roupa e o monteculo. Sentava-se, de mãos no teclado. Que coisas tocava! Lentos, dolorosos, elas estendiam no ar uma fumaça que a vista não enterrava, mas que entrava pelo corpo, ia ao fundo da alma. Exaltação da sensibilidade.

Um dia, de repente, bateram na porta. Ovalle parou:  
— Quem é?  
Falaram do lado de fora:  
— Paz favor, senhor!  
— Ergue-se. Vestiu-se. Foi abrir. Encontrou uma senhora de cabelos ruivos e voz afiada:

— Senhor, faz favor! Eu mora pegada dente casa. Pension Nini, meu propriedade. Senhor! não toca mais! Música de senhor está muito desgastado! Os freguês fica tudo triste, não faz despesa! Se precisa tocar, eu paga mudança de senhor! Meis aqui eu pede: não toca! não toca mais! Música de senhor não está bom para meu pension!  
Ovalle vendeu o órgão e foi morar na pensão.

Data daí o seu desprezo definitivo pela crítica. Data daí a sua ternura maior pelo sofrimento.

# UMA OPINIÃO SOBRE "AUTORES E LIVROS"

O brilhante escritor que é o Sr. Ernesto Feder, jornalista de grande mérito, que tem divulgado diários dos mais importantes da Europa e tem colaborado de velho e do povo mundo, externou, há algum tempo, acerca do SUPLEMENTO LITERÁRIO de "A Manhã", uma opinião que nos foi altamente ilustre. Em sua coluna de colaborador do "Gazette Nationale de Bâle", da Suíça, dizia ele, referindo-se a "Autores e Livros":

## HISTORIA DA LITERATURA EM FORMA DE SUPLEMENTO DE JORNAL

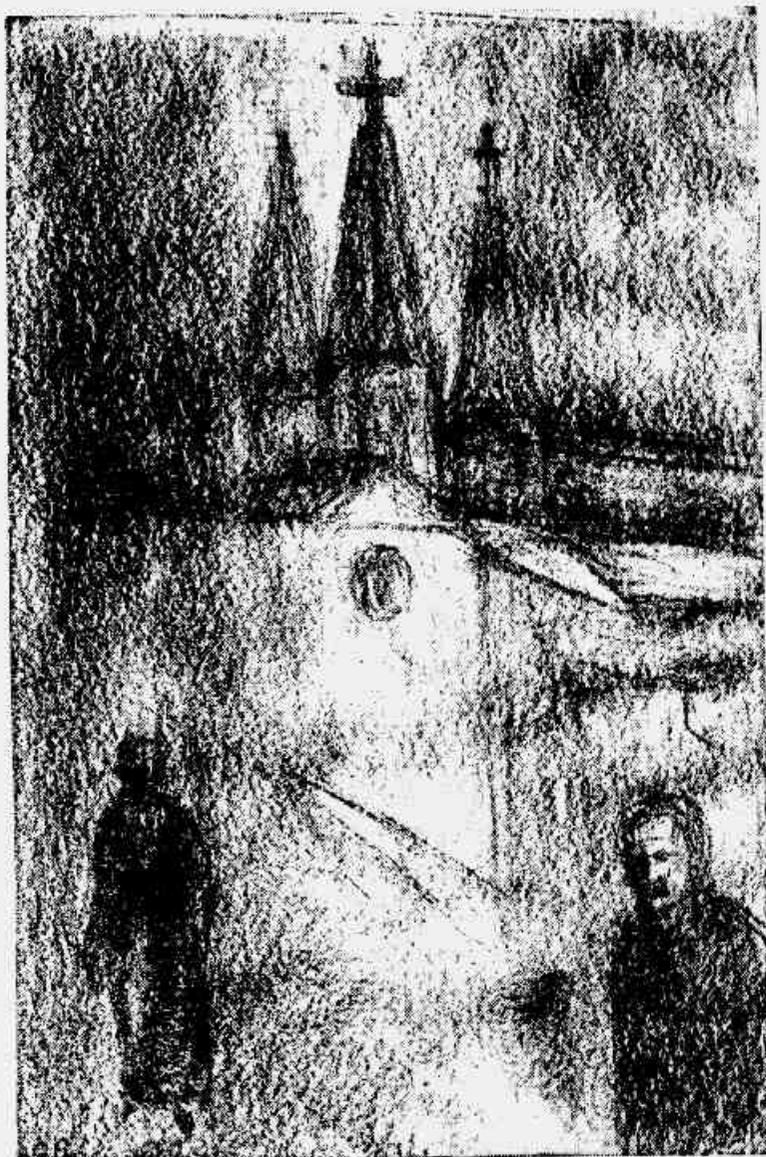
Os números quotidianos da capital brasileira, — Rio de Janeiro, foram, há alguns meses, apresentados de um novo órgão, "A Manhã". Sob a direção de Cassiano Ricardo, um dos maiores poetas do Brasil, e membro da Academia Brasileira de Letras. Esse novo matutino quer apresentar aos seus leitores a vida brasileira sob todos os seus aspectos. O suplemento literário desse jornal, AUTORES E LIVROS, é digno de um interesse muito

particular. Seu diretor, o jovem poeta Múcio Leão, secretário geral da Academia Brasileira de Letras, nele introduziu uma fórmula que é inteiramente nova no mundo do jornalismo. Cada número desse suplemento, correspondendo ao volume de um livro de formato médio, é dedicado a um autor da literatura brasileira, abrangendo a biografia do autor, trechos característicos de suas obras, muitas vezes páginas inéditas, e críticas e comentários de escritores de seu tempo e de hoje.

Os primeiros números nos apresentaram algumas das figuras mais eminentes da literatura brasileira, como Gonçalves Dias e Machado de Assis, Olavo Bilac e Raul Pompeia. De tal maneira, esse suplemento torna-se em realidade uma História da Literatura Brasileira, aumentada cada semana de um capítulo novo. Autores europeus, como Goethe, Heine, Zola, Verlaine, Ibsen, nas suas relações com a literatura brasileira, também são nele estudados. Múcio Leão, um dos melhores críticos literários do país, obtve, com essa criação original, um verdadeiro e perdurável triunfo.

# EU VI

Desenho de OSVALDO GOELDI



ESPECIAL PARA "AUTORES E LIVROS"

EU VI OS ANJOS NAS CIDADES CLARAS,  
NAS BRANCAS PRAÇAS DO PAÍS DO SOL  
EU VI OS ANJOS NO MEIO DIA INTENSO,  
NA NUVEM INDECISA E NA ONDA SENSUAL.

À MEIA NOITE CONVOQUEI FANTASMAS,  
CORRI IGREJAS DAS CIDADES MORTAS,  
ESPEREI A DAMA DE VELUDO NEGRO,  
ESPEREI A SONAMBULA DA VISÃO DA ÓPERA:

NA MANHÃ SUBLIME E' QUE VI OS FANTASMAS,  
ARRASTAVAM ESPADAS NOS LAGEDOS FRIOS,  
AO MICROFONE ELES SOLTAVAM PRAGAS...  
VI O CARRASCO DO FAMINTO, DO ORFAO,

DESLIZANDO, SOBERBO, NA CARRUAGEM,  
O QUE RENEGOU A DEUS NA MALDIÇÃO,  
VI O ANJO DO MAL SOLTO NAS RUAS,  
CORTANDO OS ARES COM SEU GLADIO EM SANGUE.

VI O RECEM-NASCIDO ESTRANGULADO  
POR SEUS IRMÃOS, A LUZ CRUA DO SOL.  
VI ATIRAREM AO MAR SACOS DE TRIGO  
E NO CAIS UM HOMEM A MORRER DE INANIÇÃO.

A LUZ DO DIA FOI QUE EU VI FANTASMAS,  
NAS VASTAS PRAÇAS DO PAÍS DO AMOR.  
VI TAMBEM ANJOS NO MEIO DIA INTENSO,  
QUE ME CONSOLAM DA VISÃO DO MAL.

## MURILO MENDES

## ALGUMAS CARTAS DA CORRESPONDÊNCIA DE JOSE VERISSIMO COM MACHADO DE ASSIS

(Con-tinúa da pág. 207)  
co interessantes. Dos dois discursos acadêmicos só me agradou o do Deschanel (2), por quem, entretanto, não tenho nenhuma simpatia. — Toda seu — Verissimo.

(1) Verissimo refere-se ao livro *Pensees detachées et souvenirs*, Paris, 1904. V. carta de Nubuco a Machado, em 27 de maio 1897. — (2) Paul Deschanel, futuro presidente da França, falecido em 1920.

Cosme Velho, 21 abril 1906.  
Meu caro J. Verissimo. — Não me parece que de muitas cartas que escrevi a amigos e a estranhos se possa apurar nada interessante, salvo as recordações pessoais que conservarei para alguns. Uma vez, porém, que é satisfazer o seu desejo, estou pronto a cumpri-lo, deixando-lhe a autorização de recolher e a liberdade de reduzir as letras que lhe pareçam merecer divulgação postuma. — Nesse trabalho desconfio da sua piedade de amigo de tantos anos, que pode ser guardado, — e mal guardado, — daquela fidelidade que não tinha sem arrependimento nem arrependimento. O tempo decorrido e a leitura que fizer da correspondência lhe mostrará que é melhor deixá-la esquecida e calada. E para mim bastará a simpatia que o seu desejo exprime. — Reciba ainda agora um abraço apertado do velho admirador e amigo. — M. de Assis.

Rio, 24 abril 1908.

Meu caro Machado. Por mais objetividade e desprezimento que eu que esse por ao assunto das nossas cartas, que me valeram a sua carta de 21, autorizando-me a recolher a sua correspondência e a publicar a sua morte, não pedia a natureza necessária e até boa, mas em muitos milhares de mãos, ainda o homem se não acostumou com ela, e quando a sua deslealdade junta a de um ente querido, não podemos livrar-nos de uma impressão de horror e de revolta qual eu a senti agora. Eu não sei nem você qual de nós dois murmurará primeiro. Querendo você admitir que seja você, eu me não arrependo de lhe haver sugerido, num desses bons momentos de exatidão da nossa amizade, a necessidade de providenciar sobre o seu espólio literário, dizendo-lhe com toda a franqueza e sinceridade o quanto me interessaria as nossas letras a publicação da sua correspondência, a julgar pela parte dela que a mim coubera receber. Menos que a amizade, moveu-me, creia esse interesse. A mim, que conheço quanto literariamente, e ainda como documento psicológico e testemunho do seu tempo, valeram as suas cartas, me pesava a ideia de que elas se viessem a perder para a nossa literatura e para a nossa alma, as quais, de fato, pertencem. Fico-lhe pois agradecidíssimo (como já lhe sou por tanta coisa) pela sua amabilidade e a minha sugestão, dovaridíssimo por você me ter escutado a mim para a realizar. Esta prova da sua estima pessoal e literária me é de inestimável valor, e tocou-me profundamente. Tão profundamente, como é fundo e ardente o meu desejo de que, se a mim vier a caber a honrosa tarefa, não tenha sido coisa de cumprida gloriosa obrigação que me quer deixar. Por bem dos seus amigos, por bem da literatura da nossa terra, por bem das nossas letras, de que é o mestre mais insigne, junto, meu caro mestre, as suas outras distinções, a de não viver longos anos, — e que sejam, como ainda são agora, sadios e boas. E com este sentimento cordadíssimo que, penhoradíssimo, de todo o meu coração o abraço. — J. Verissimo.

Rio, 18 de julho, 1909.  
Meu caro Machado. Acabo de ler (são onze horas da manhã) o seu "Memorial de Ayres", que ontem trouxe do Garnier. Como talvez lhe dissesse o Mario (1), eu mencionava a ler, e já que não me

foi possível ler então mesmo, Carlinho o meu abraço de cumprimentos pela aparição do seu novo livro. Mas um referendo, que não atarou muito a minha inteligência garganta, não me deixa ter a satisfação. Acertei, porém, nesta aquele abraço, que é, de todo o coração, de admiração e de amor. Que fino e belo livro o você escreveu! Convinha-me a validade de crer que o entendi e compreendi. O velho Ayres (1) me parece que se quer considerar assim, verdadeiramente é um bom e generoso coração; apenas com o defeito de querer esquecer. Você já nos tinha acostumado às suas arduas figuras de mulher, mas realmente, excedeu-se em D. Carmo. Ah! como é verdade que a grande arte não dispensa a colaboração do coração... (2) Desgraça, porém, a tua, em melhor, restabelecimento e vida e saúde, para nos dar o resto do "Memorial" desse velho encantador que é o meu amado Ayres. — Seu J. Verissimo.

(1) Mario de Alencar. — (2) D. Carmo, personagem do Memorial de Ayres, é a encarnação de Carolina, a esposa de Machado.

Domingo, 19 julho de 1909.

Meu caro Verissimo. Acabo de receber a sua carta com o seu abraço pelo livro, e venho agradecer-lha cordia mente. Sabe que foi sempre sincero amigo, sempre pago do esforço empreendido; muito obrigado meu amigo. O livro é derradeiro; já não estou em idade de folias literárias, nem outras. O meu recibo e por isso se a alguém perguntar por que não parara no anterior, não se tal não é a impressão que me deixa, melhor. Creio que o compreendi bem, segundo o que me diz em um ponto da carta. Devo ser melhorando, ainda que muito pouco. Sai hoje de manhã, e ainda outra vez se não chover. O Mario (1), tinha-me falado da sua vinda, mas evidentemente era obrigado com tal tempo. Amanhã conto ir à cidade, se o tempo consentir. Adeus, meu bom amigo. Recomende-me a todos os seus e reciba em troca um abraço apertado do velho amigo — Machado de Assis.

(1) Maria de Alencar.

Engenha Nova, perto da residência de D. Casimiro, 21 de maio de 1918.

Meu caro Machado. Indo eu hoje de manhã entregar ao portador de um amigo o meu exemplar do "Memorial de Ayres", ocorreu-me levar-lho depois para que você passasse nele a sua assinatura e com essa lembrança, não quero esconder-lhe, passou-lhe o tempo e fugiu o intuito reproche de que você podia me ter dado um exemplar assim. Mal o ferretaria a parte ruim de meu espírito, não chega o carteiro e me entrega esse desejado volume. E você não o oculissimo ou o que é, seu grande ídolo! Beijo-lhe as mãos pelo precioso mimo e lhe deixo de coração saúde e todos os bens a que você, por tudo, tem tanto direito. — Seu J. Verissimo.

3) agosto 1908.

Meu caro Machado. Não me tem sido de todo possível ler o seu livro. Mas, ontem, na Academia das Letras, na sessão de 19 de maio, a favor do livro de Mario de Alencar, que saiu para o mundo. De todo o meu coração desejo que esteja melhorando e que o tempo, melhorando também, lhe permita sair e favorecer as suas melhoras. Eu iria vê-lo hoje, se não fosse o meu desejo de não perder nada desta vez a satisfação de assistir a esta vez a uma exposição de Assis. Não consulte-me (1), que me representa na Exposição. Acabou e tudo está com você e você sabe com que profunda simpatia eu ouvirei a sua fermosa preleção tendo presente no coração e no mente o autor. Fique bem e receba o amor de todos que o admiram, do seu e eu — J. Verissimo.

(1) Comédia de Machado de Assis, que então se encontrava na Exposição Nacional, na Praia Vermelha.



Na Biblioteca do Tempo - D. Milano

O Tempo é um velho leitor, eterno leitor, atento e incansável. Nem um instante larga do livro. Parece que da vida só existe para ele aquilo que ficou escrito. O resto desaparece, o Tempo não o lê.

Não parece dar muita atenção aos acontecimentos, as catástrofes. São matérias de pouca monta, dignas só de relatórios de historiadores. Podem ferir-se no mundo as mais tremendas batalhas, acontecer cataclismos. Ele olha sem curiosidade, todo voltado para os livros de sua biblioteca. Um herói só lhe interessa se acasa um gênio e toma para personagem do seu romance, do seu poema.

Toda a sua atenção está nos livros, nas páginas que encerram o sonho da vida.

É um tipo de longas barbas, sentado sempre, um livro na mão, o olhar meditativo. Escolhe cuidadosamente as obras que lê, e só dá valor à própria opinião. Julga as obras e também os julgadores das obras.

Se refletissemos em que é para esse estranho personagem alegórico que se escrevem as obras-primas da literatura; para esse antiquário que são feitas as Venus de mármore de cor mais bela do que a própria carne, seríamos por certo menos apressados em nossas obras e em publicá-las, menos ansiosos na opinião crítica e de admiração alheia, dariamos menos fé aos sucessos de bilheteria de certa literatura.

O que me parece mais digno de meditação, pelo exemplo sereno que em si comporta, é que o Tempo é sempre o mesmo, sua figura, hoje, é a mesma de todos os séculos, e a essa impassibilidade, que reflete a impassibilidade de seu julgamento, é que poderíamos talvez chamar de "clássico", essa palavra tão amada de uns e odiada de outros.

Para vemos como somos iludidos quanto a nossa pretensão de modernidade, basta notar-nos que o que se fazia alguns anos atrás, todo o intenso movimento revolucionário que se processou na arte e literatura dos últimos vinte anos, e podemos mesmo recuar até o simbolismo ou ainda até o romantismo libertário de há três lustros, tudo isso nos parece, sem dúvida, muito mais velho do que aquilo que há muitos séculos faziam os gregos, tão modernos sempre em qualquer época, ou os egípcios, tão profundos na sua atitude esfingica, tão significativos do mistério universal que nos rodeia.

Tudo para nós envelhece mais depressa em anos do que em séculos. Aquela que vimos outrora apontada como exemplo de beleza e que vemos agora de óculos, cercada de netos, é muito mais velha que uma igreja secular, na sua eterna frescura de pedra.

Estes conceitos me ocorrem ao meditar no muito que se tem tratado, feito e escrito no sentido de "modernizar" o pensamento humano, "modernizar" a obra de arte, "modernizar" a forma da poesia; e como todos os manifestos, individuais ou de escolas, toda a inutil procura do "nouveau", todas as audácias de expressão e de estilo resultaram num acervo inútil de livros amontoados, de idéias embaralhadas, numa confusão de sistemas contraditórios, que não são mais que os pedaços de papel das páginas que o Tempo vai arrancando dos livros, quando não lhe agrada o que lê.

Alguns consideram todo esse passado de arte, toda a beleza antiga, velharia. Mas as verdades são eternas velharias, e ninguém poderá transformá-las, num passe de mágica, em falsidades modernas, por um auto-ilusório método de inversão de valores irreversíveis.

Sento-me à sombra da estátua do Tempo, com um livro na mão, imitando o grande Mestre da vida; fico folheando o livro, um antigo Tratado de Poesia, lendo atento os conceitos lustri-

# A grande poesia inglesa da guerra -

Traduções de ABGAR RENAUDI  
(Do livro que acaba de aparecer)  
Poesias Inglesas de Guerra — 1942

## EPITAFIO NUMA CASA DE CHÁ (1941)

DOUGLAS GIBSON

Nestas ruínas está o relógio parado, os ponteiros nas três e meia ainda agarrados, a lembrar o passado, antes que o abalo escuro lançasse à eternidade as horas do futuro. O tempo se acabou nessa tarde dormente, feito em pedaços, para sempre, eternamente; como toda sem fim, subiram e tombaram o riso interrompido, o chá dourado, o pão, os empedrados pensamentos de um anção sentado a olhar o espaço; e um par de namorados perdidos de emoção; e o bichano a dormir; e as empregadas que, cansadas de servir, não souberam jamais que, em cima, na amplitude, rondava a morte. Nada existe mais, senão este relógio cruel, testemunha calada daquele crime — a luz que foi assassinada nos olhos desse jovem par, a quem roubaram o prazer prometido, o outro lado do tempo.

## SEGREDO (1914)

ANONIMO

Não. Não canto a Inglaterra. Eu sou tão frio e tardio Para ajudá-la, eu me ergo e pergunto a razão. Sabeis porque por ela arde meu coração, Mas eu só sei, irmãos, que ela me chama, e parto.

O segredo que ela é guardam-no essas campinas longas e verdes e essas vilas tão caladas; envolvem-no, no vale, as dormentes colinas; com o campo, com a floresta e com as terras aradas; a branca névoa encobre-o, e sabe como é belo.

Tudo canta a Inglaterra em canções que eu não ouço. Só sei quanto me é caro o sentido que leem. Cantam, talvez, sua alma antiga e sábia, em guerra para achar o caminho ao doce riso, ao bem, a liberdade. São muitos os seus pecados Seu largo peito verde é todo clareiras, Mas eu defenderei a verdade que guardam estas colinas que circundam a Inglaterra.

## ANTIFONA A MOCIDADE QUE VAI MORRER (1918)

WILFRED OWEN

Que sinos dobrarão por estes que assim morrerem como animais? Só a ira horrenda dos canhões. Se o rápido estrondar dos fuzis gaguejantes deles dirá as apressadas orações. Nenhum escárnio; nem prece ou dobre a finados; nenhuma voz de dor, salvo os coros — os coros tusanos e ásperos das balas soluçantes, e clarins a chamar de tristonhos condados...

Que velas poderão sua morte ajudar? Em seus olhos, e não entre as mãos de meninos, a sacrossanta luz do adeus há de brilhar. Terão na palidez de frentes femininas a mortalha; no amor de almas pacientes — flores, e em cada anoitecer — um abaixar de cortinas...

## I HAVE A RENDEZ-VOUS WITH DEATH (1915)

JAN SEEGER

Terei uma entrevista com a Morte em certa barricada em que se luta, quando com suas sombras murmurantes de novo a Primavera regressar e as flores da macieira encherem o ar... Terei uma entrevista com a Morte, quando trouxer de novo a Primavera as dias azulados e brilhantes.

# EFÉMERIDES DA ACADEMIA

- 12 DE MAIO
  - 1877 — Falece Evaristo Ferreira da Veiga e Barros.
  - 1850 — Nascimento de Raimundo Corrêa.
  - 1928 — Sessão pública dedicada à memória de Joaquim Nabuco e José do Patrocínio.
- 13 DE MAIO
  - 1875 — Nascimento do correspondente Santos Chocoso.
  - 1928 — Sessão pública em homenagem a Raimundo Corrêa.
  - 1936 — Sessão pública dedicada aos representantes das Academias de Letras dos Estados.
- 14 DE MAIO
  - 1875 — Nascimento do correspondente Eduardo Ramos.
  - 1928 — Sessão pública em homenagem a Raimundo Corrêa.
  - 1936 — Sessão pública dedicada aos representantes das Academias de Letras dos Estados.
- 15 DE MAIO
  - 1823 — Falecimento de Eduardo Ramos.
  - 1837 — Sessão pública, em comemoração a G.H. Vicente.
- 17 DE MAIO
  - 1903 — Falecimento de Valentim Magalhães.
- 1809 — Sessão pública, para receber Anatole France. Falam Ruy Barbosa e o ilustre escritor francês.
- 1917 — Eleição de Luiz Guimarães Filho para a vaga de Garcia Redondo.
- 18 DE MAIO
  - 1847 — Falecimento de Joaquim Gonçalves Ledo.
  - 1926 — Eleição de Luis Carlos para a vaga de Alberto Farfá.
  - 1930 — Falecimento de Alfredo Pujol.
  - 1933 — Sessão solene para a posse de Alcântara Machado, que foi saudado pelo sr. Afrânio Peixoto.
- 22 DE MAIO
  - 1792 — Parte para o desterro Thomas Antonio Gonzaga, sendo esta a última data certa que se conhece da vida do grande poeta.
  - 1915 — Eleição de Goulart de Andrade na vaga de Jacequat.
- 23 DE MAIO
  - 1856 — Nascimento do correspondente Jean Finot (Jean Fickelhaus).
  - 1870 — Nascimento de João Luiz Alves.
  - 1904 — Falecimento do correspondente Henrique Thier.
  - 1918 — Fº recebido em sessão solene o sr. Atanilho de Fátima.
  - 1935 — Sessão ordinária em comemoração a Victor Hugo.

Talvez ela me tome pela mão e me conduza para a escuridão do seu país, feche meus olhos, corte minha respiração... Talvez eu passe ao lado dela silenciosamente. Terei uma entrevista com a Morte na escarpa recoberta de feridas de uma colina destroçada, quando este ano a Primavera vier chegando e abrir nos prados as primeiras flores.

Fora melhor estar entre perfumes e almofadas de seda mergulhado, onde o Amor vibra em seu sono encantado, numa só pulsação, num só respiro, de que é tão grato o suave despertar... Mas tenho uma entrevista com a Morte numa cidade em fogo, à meia-noite, ao ir a Primavera para o norte; serei fiel à palavra que empenhei: jamais a essa entrevista falarei.

## O SOLDADO (1915)

RUPERT BROOKE

Se eu acasa morrer, de mim pensal somente: há um recanto, lá numa terra estrangeira, que há de ser a Inglaterra, eterna, eternamente. Nessa terra tão rica, — escondida, uma poeta mais rica existirá, que a Inglaterra fez, e modelou, e a que deu alma, e a que, uma vez, deu flores para amar, caminhos onde errar, — um corpo da Inglaterra, aspirando o ar inglês, que os rios banham e abençoam a luz solar. De todo mal despidido, eis que este coração, que no espírito eterno agora é pulsação, restitue à Inglaterra, enfim, os pensamentos que ela lhe deu: suas paisagens e seus sons; sonhos felizes como o esplendor do seu dia; e o riso que a amizade ensina, e a placidez, nos corações em paz, por sob um céu inglês.

## PELOS QUE TOMBARAM (1914)

LAURENCE BINYON

Com a ativa gratidão de uma mãe a seus filhos, chora a Inglaterra os que morreram além mar. Carne da sua carne e sangue do seu sangue, tombaram pela liberdade a pelejar.

Vibra, grave, o tambor: a Morte, augusta e real, aos astros imortais ergue a dor do seu canto. Há música por entre essa desolação, e uma glória reflete em meio ao nosso pranto.

Foram para a batalha a cantar; eram jovens, rijos de corpo, leais de olhar, firmes e ardentes. Foram fiéis até o fim em lutas desigualas, e tombaram fitando o inimigo de frente.

Não envelhecerão, quando nós, que ficamos, formos velhos: o tempo os não fatigará e nem condenará. De manhã e ao sol poente, o nosso coração todos recordará.

Não se unem mais a seus alegres companheiros; de seus lares à mesa amiga não se assentam, nem tomam parte nos labores costumeiros. estão dormindo além das névoas da Inglaterra.

Mas onde vivem nosso anseio e fé mais funda — oculta fonte que se sente e não se vê — sua terra os conhece em ternura profunda, como a noite conhece a todas as estrelas.

Como as estrelas que, quando nós formos pó, na planície do céu, rondando, brilharão, e à hora da nossa treva ainda são as estrelas, até o fim, até o fim, eles continuarão.

ficados pelos séculos e que se tro, como dedos apontados para os defeitos da nossa época.